

# Avante!

CGTP contra nova campanha de «moderação»

## Os salários têm que crescer

Ao defender a «moderação salarial», o Banco de Portugal vem ajudar o Governo e o patronato nas suas tentativas de impor novos sacrifícios.



A CGTP-IN exige, por seu lado, que o Orçamento do Estado para 2001 responda ao objectivo de melhorar o nível de vida dos portugueses.

Pág. 5



**Na festa!** Neste número  
• Avanteatro • Corrida da Festa  
• Uma história de Fado

## Faltam duas semanas para a Festa

**Carvalhas sobre a economia**

«Um semestre negro»

Na festa de Silves, o secretário-geral do PCP referiu-se à evolução da economia portuguesa, caracterizando os últimos tempos como «um semestre negro», marcado por um crescimento menor que a média europeia.

Pág. 6

**Sem Terra**

Contra a corrupção

Reunido em Congresso Nacional, o Movimento dos Sem Terra aprovou um manifesto em que exige a investigação das denúncias de casos de corrupção no governo e apela ao povo para que «se levante e se organize».

Pág. 17

**Arco Têxteis**

Férias para despedir

No primeiro dia de encerramento para férias, 25 trabalhadores receberam cartas de despedimento. A empresa pretende evitar a revolta colectiva e solidária dos restantes trabalhadores.

Pág. 24

**Avante!**  
Proletários de todos os países  
UNI-VOS!

**PROPRIEDADE**  
Partido Comunista Português  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 38 00

**ADMINISTRAÇÃO**  
Editorial «Avante!», SA  
Av. Almirante Reis, 90,  
7.º-A, - 1169-161 Lisboa.  
Capital social:  
15 000 000\$00.  
CRC matriculada: 47058.  
NIF - 500 090 440

**DIRECÇÃO E REDACÇÃO**  
R. Soeiro Pereira Gomes, 3  
1600 - 196 Lisboa  
Tel. 21 781 71 90/91  
Fax: 21 781 71 93  
E-mail:  
avante.pcp@mail.telepac.pt  
Web:  
http://www.pcp.pt

**Director**  
José Casanova

**Chefe de Redacção**  
Leandro Martins

**Chefe Adjunto**  
Anabela Fino

**Redactores**  
Carlos Nabais  
Domingos Mealha  
Henrique Custódio  
Isabel Araújo Branco  
João Chasqueira  
Lígia Calapez  
Manuel Jorge Veloso  
Margarida Folque

**Grafismo**  
José Araújo

**Fotografia**  
Jorge Caria  
Sérgio Morais

**Secretaria da Redacção**  
Ivone Dias Lourenço  
Noémia Presúncia

**DISTRIBUIÇÃO**  
DISTRIBUIÇÃO ADE'S  
Editorial Avante!  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 21 8 429 836

**Alterações de remessa**  
Até às 17 horas  
de cada sexta-feira:  
Tel. 21 8 429 836

**DISTRIBUIÇÃO COMERCIAL**  
DELTAPRESS  
Delegação Lisboa:  
Tapada Nova - Capa Rota  
Linhó - 2710 Sintra  
Tel. 21 924 04 47  
Delegação Norte:  
Zona Industrial da Maia  
Sector IX  
Rua B Lt. 227 - 4470 Maia  
Tel. 22 941 76 70

**ASSINATURAS**  
Av. Gago Coutinho, 121,  
1700 Lisboa  
Tel. 21 8 429 836

**TABELA DE ASSINATURAS\***  
(IVA e portes incluídos)

**PORTUGAL**  
(Contínente e Regiões  
Autónomas)

50 números: 8 100\$00

25 números: 4 200\$00

**EUROPA**

50 números: 21 850\$00

**EXTRA-EUROPA**

50 números: 30 600\$00

**GUINÉ-BISSAU,**

**S. TOMÉ E PRÍNCIPE**

**e MACAU**

50 números: 23 000\$00

\*Enviar para  
Editorial «Avante!»  
nome, morada  
com código Postal  
e telefone  
a acompanhar cheque  
ou vale de correio.

**Composição e impressão**  
Heska Portuguesa, SA  
Campo Raso  
2710 - 139 Sintra  
Depósito legal n.º 205/85



Festa Avante!, já cheira!!!

## Resumo

### 9 Quarta-feira

É assassinado em Navarra (Espanha), com três tiros na nuca, um subtenente do exército espanhol, o terceiro atentado atribuído à ETA em 24 horas... ● ... ao mesmo tempo um grupo de jovens radicais bascos incendiaram um autocarro em Portugal (País Basco) ● O Supremo Tribunal do Chile ratifica a decisão do Tribunal de Recurso de Santiago de retirar a imunidade parlamentar a Pinochet com vista a este responder em tribunal ● Um incêndio deflagra no Parque Nacional de Sintra-Cascais, com as autoridades a porem a hipótese de ser fogo posto.

### 10 Quinta-feira

Os bombeiros que combatem o incêndio de Cascais acusam Miguel Champalimau de não ter permitido a sua entrada na Quinta da Marinha ● Um novo incidente na região ocidental junto à fronteira de Timor Leste fere quatro capacetes azuis ● Hugo Chávez, presidente venezuelano, visita o Iraque com vista a reforçar a OPEP, sendo o primeiro chefe de Estado a visitar oficialmente este país depois da Guerra do Golfo ● O Banco Central Europeu admite um aumento do preço do euro face à inflação e à descida da moeda em relação ao dólar.

### 11 Sexta-feira

Pina Moura anuncia a venda da comparticipação do Estado na Cimpor, em condições a afixar em Setembro, pondo assim fim à chamada *golden share* ● Em Timor Leste um grupo de timorenses armados com catanas e outros objectos cercam as instalações do Alto-Comissário da ONU para os Refugiados (ACNUR) e da Organização Internacional para as Migrações (OIM) ● Durante a visita de Yasser Arafat à Rússia, Vladimir Putin reforça o apoio do seu país à proclamação do estado palestiano ● A ETA reivindica em comunicado doze atentados ocorridos em Espanha no período entre 9 de Maio e 29 de Julho.

### 12 Sábado

Carlos Carvalhas participa no Encontro-Convívio da CDU no Castelo de Silves ● O relatório apresentado pela Comissão de Acesso aos Documentos Administrativos revela que cerca de 50 por cento dos serviços de administração central não divulga a informação que produz ● Sérgio Vieira de Mello, administrador da ONU em Timor, anuncia a adopção de medidas «de combate antiguerilha» face aos inci-

identes que se vêm registando no território ● Milhares de independentistas bascos manifestam-se em Bilbao em homenagem aos quatro terroristas da ETA mortos na semana passada ● Um ataque aéreo da aviação anglo/norte-americana contra o Sul do Iraque provoca dois mortos e cerca de 20 feridos.

### 13 Domingo

O ministro do Interior espanhol, Jaime Oreja, considera a actual ofensiva da ETA como a maior desde a chegada ao poder do PP ● Um jornal mexicano acusa o presidente Vicent Fox de exploração de trabalho infantil, empregando menores de 14 anos para trabalhar no seu rancho ● O chefe da missão da ONU no Kosovo, Bernard Kouchner, anuncia a realização de eleições municipais nesta província sérvia... ● ...ao mesmo tempo a minoria sérvia ameaça boicotar as referidas eleições, exigindo o regresso dos 210 mil refugiados não albaneses ● Termina mais uma edição do festival de música de Paredes de Coura.

### 14 Segunda-feira

Xavier Arzalluz, presidente do PNV (Partido Nacionalista Basco), reafirma em conferência de imprensa que «os princípios» que levaram à assinatura do Pacto de Lizarrta ainda estão em vigor ● A Kfor encerra temporariamente uma fundição de chumbo no Norte do Kosovo, alegando «razões de saúde pública» ● Devido a uma colisão, um submarino russo fica retido a cem metros de profundidade no mar de Barents, pondo assim em risco de vida os 116 homens a bordo ● O sindicato dos pilotos egípcios acusa os investigadores do acidente do *boeing* da EgyptAir, que vitimou 217 pessoas, de esconder «deliberadamente» os dados relativos aos sinais de radar recebidos na altura da queda.

### 15 Terça-feira

Portas e Durão defendem, num debate realizado na SIC, a diminuição para a idade de 14 anos da imputabilidade criminal, ao mesmo tempo que Carlos Carvalhas refutando esta proposta, defende uma maior acção social por parte do Estado ● É rendido o primeiro batalhão português em Timor Leste, substituído pelo 2.º Batalhão de Infantaria Para-Quedista ● 50 anos depois, as famílias do Norte e Sul da Coreia voltam a reencontrar-se, num esforço de ambos os lados para a reunificação do país ● Terminam em Lusaca as conversações entre os países intervenientes na guerra civil da República Democrática do Congo, que continuam sem conseguir aplicar o acordo de paz assinado há um ano.

## Aconteceu

### Cimpor sem OPA

A OPA (oferta pública de aquisição) lançada sobre a Cimpor fica por enquanto sem efeito, na sequência da reafirmação, por parte do Governo, de não autorizar a tomada de uma participação superior a dez por cento. Após a ordem de retirada da OPA, por parte da Comissão do Mercado de Valores Imobiliários (CMVM), as pretensões da Secil e da cimenteira suíça Holderbank ficam sem efeito. A Secil pretendia controlar a Cimpor e fica a aguardar, agora, que termine o processo de privatização que o Estado, pela mão do Governo do Partido Socialista, abriu, e que se espera esteja completado até final deste ano. Entretanto, o BPI vendeu já a sua participação directa e a que detinha através de fundos de investimento no capital da Cimpor a um banco holandês. A OPA (oferta pública de aquisição) lançada sobre a Cimpor fica por enquanto sem efeito, na sequência da reafirmação, por parte do Governo, de não autorizar a tomada de uma participação superior a dez por cento. Após a ordem de retirada da OPA, por parte da Comis-



são do Mercado de Valores Imobiliários (CMVM), as pretensões da Secil e da cimenteira suíça Holderbank ficam sem efeito. A Secil pretendia controlar a Cimpor e fica a aguardar, agora, que termine o processo de privatização que o Estado, pela mão do Governo do Partido Socialista, abriu, e que se espera esteja completado até final deste ano. Entretanto, o BPI vendeu já a sua participação directa e a que detinha através de fundos de investimento no capital da Cimpor a um banco holandês.

## Soldados para Timor

Mais um contingente de militares portugueses parte para Timor-Leste, aumentando o número total de tropas nacionais participando nas operações em território timorense que é hoje de 766 homens. Este segundo contingente, que partiu do aeroporto de Figo Maduro no passado

sábado, faz parte do Segundo Batalhão de Infantaria da Brigada Mista Aero-transportada Independente e seguiu para Timor a fim de garantir a segurança de Díli e de outras localidades do território e de auxiliar na reconstrução de infra-estruturas. Os militares portugueses, que realizaram

exercícios preparatórios nas regiões de Ovar e Castro Daire, vão encontrar uma situação complexa, com a ameaça de infiltração de milícias a partir de território indonésio, onde cercaram departamentos da ONU, tendo

assassinado um soldado nepalês, com imunidade em deslocando-se já Timor-Leste.



## Promessas arderam

O ministro de Administração Interna, hoje sob o fogo da crítica de vários sectores e da generalidade da imprensa a propósito da sua actuação - ou falta dela - em relação aos meios disponíveis e aos critérios de combate e prevenção aos incêndios que têm devastado largas áreas do território nacional, revelou na passada sexta-feira que vão ser gastos doze milhões de contos na prevenção. Este montante, entretanto, corresponde aos últimos quatro anos, sabendo-se, aliás que, no ano passado, não foram atribuídos os 3,8 milhões de contos então previstos. Os cortes orçamentais anunciados pelo Governo já funcionaram, portanto, antes de virem a ser revelados à luz das restrições actuais. Arderam, portanto, mais algumas promessas do Governo de António Guterres.



## Apoio popular à ETA

Uma grande manifestação popular que, segundo alguns jornalistas presentes, reuniu quinze mil pessoas em Bilbao, no sábado, homenageou os quatro jovens militantes da ETA, mortos numa explosão na passada semana. A homenagem, que cedo mostrou o seu apoio à ETA militar e à sua luta pela independência do País Basco, foi ignorada por muitos órgãos de comunicação social, mesmo portugueses, que costumam dar apenas notícia do repúdio que as acções da organização independentista têm merecido por

parte da generalidade das forças políticas espanholas e de muitos seguidores seus. A homenagem em Bilbao veio acentuar a complexidade da questão basca e demonstrar o apoio que a ETA consegue reunir, para além da sua própria organização. «Esta geração não pega em armas por gostar da violência», explicou Arnaldo Otegi, dirigente da coligação basca Euskal Herriarrok. «Pega em armas porque a classe política é incapaz de apresentar soluções para o conflito basco.»

## Mais um crime de Pinochet

O general fascista Pinochet, cuja imunidade foi finalmente levantada pelo Supremo Tribunal do Chile, abrindo a possibilidade de um julgamento no seu próprio país, acusado de gravíssimos crimes que tiveram lugar sob o regime que chefiou após golpe militar em que foi assassinado Salvador Allende, vê agora a longa lista de queixas contra si aumentar. Com efeito, foi recentemente descoberto o corpo de um rapaz de 13 anos, que figurava na lista de 1198 desaparecidos na sequência do golpe militar. O corpo da vítima mais jovem da

ditadura chilena, que foi descoberto enterrado a 60 centímetros de profundidade junto do aeroporto de Santiago e identificado pelos irmãos, apresentava numerosos vestígios de balas na cabeça e nas costas.



## Superempate

Na primeira mão da Supertaça, que teve lugar na noite de domingo no estádio das Antas, o Futebol Clube do Porto conseguiu, a um minuto do final, empatar o jogo que o opôs ao Sporting Clube de Portugal. O primeiro golo do desafio pertenceu ao sportinguista Acosta, vantagem que se desvaneceu com o tento do portista Alenichev. A segunda mão da Supertaça terá lugar em Janeiro do próximo ano, no Estádio José Alvalade. Mas o pontapé de saída para a próxima época futebolística está dado e pareceu mostrar que vai ser renhida a luta pelos primeiros lugares.

## Crónica Internacional

• Ângelo Alves

### EUA

#### As eleições e a Paz

Nos EUA, Agosto é tempo de convenções partidárias com vista às eleições presidenciais em 7 de Novembro. Há 15 dias foi a vez dos republicanos com George W. Bush à cabeça. Agora dos democratas com Al Gore. Jornais e TV's lançam-se sobre as duas grandes encenações político-mediáticas.

Mas, para além do espectáculo não se pode ignorar que o vencedor irá dirigir a maior potência militar do mundo.

Esta não é uma questão de menor importância. Os EUA, quer com presidentes democratas quer com presidentes republicanos, sempre se empenharam em afirmar a sua hegemonia mundial, especialmente no campo militar.

Foi com Clinton/Gore que os EUA impuseram o novo conceito estratégico da NATO que assume claro carácter ofensivo e amplia a sua área de acção. Foi com Clinton/Gore que os EUA aumentaram nos últimos três anos o seu já gigante orçamento militar. Foi com Clinton/Gore que os EUA forçaram a agressão à Jugoslávia, violando a carta da ONU. Foi ainda com Clinton/Gore que os EUA forçaram as sanções ao Iraque, mantiveram o bloqueio a Cuba e incrementaram as ingerências na Colômbia.

Mas se os Democratas dizem mata, os Republicanos dizem esfola. A sua plataforma na área da política externa é peremptória logo no título: "Princípios para o reforço da liderança americana".

Orçamentos militares? Aumento de verbas. Espionagem? "(...)a espionagem é a primeira linha de defesa da América. Uma administração republicana (...) fortalecerá a capacidade de espionagem e contra-espionagem da América e reorientá-la-á para os perigos do futuro". Cuba? Um recuo nas relações com Cuba e reforço do apoio aos "dissidentes". NATO? "Uma NATO que seja forte, coesa, activa. O próximo presidente dará uma direcção consistente à finalidade da aliança, à necessidade da Europa

investir mais nas suas capacidades de defesa e, quando necessário, actuarem conjuntamente com os EUA num conflito militar". Direito Internacional, ONU? "As Nações Unidas não foram criadas para comandar exércitos no terreno e, como questão de soberania dos EUA, as tropas americanas nunca poderão servir sob um comando da ONU. Nem estarão sujeitas à jurisdição de um tribunal penal internacional". São estes alguns dos "mimos" que os republicanos apresentam ao mundo inteiro.

Questão actual a merecer destaque é o chamado sistema NMD (National Missile Defense) que mais não é do que a versão moderna da famigerada "guerra das estrelas" de Reagan que permitiria aos Estados Unidos desferir ataques a países terceiros sem perigo de retaliação. Este sistema viola todos os tratados de desarmamento e em especial o ABM (tratado sobre mísseis antibalísticos) assinado em 1972 e que continua a ser a pedra angular de estabilidade estratégica e segurança internacional.

Foi a administração Clinton com Al Gore que protagonizou a tentativa de revisão do tratado ABM e iniciou as experiências para o desenvolvimento do novo sistema, apesar da recusa da Rússia da China e mesmo de aliados europeus dos Estados Unidos. Prevê-se que a decisão seja tomada pelo próximo presidente dos EUA. No caso de uma presidência republicana Bush/Cheney defendem uma ainda maior dimensão do sistema e, no caso de recusa da Rússia em rever o acordo, os EUA retirar-se-ão dele num espaço de seis meses.

No ano em que se assinalam os 55 anos do crime dos EUA sobre Hiroshima e Nagasaki, os futuros governantes dos EUA "oferecem" ao mundo políticas que mais não visam senão intensificar a sua dominação imperial, ameaçando a paz no mundo. É nosso dever prestar solidariedade activa a todos quantos dentro dos EUA e em todo o mundo lutam por um mundo de paz e desenvolvimento. Porque a paz não existe, constrói-se e conquista-se. E neste momento com estas perspectivas a luta pela paz é urgente e imperiosa.

## Editorial

# CÓDIGO DE CONDUTA

O multipartidarismo, apresentado como um dos pilares essenciais do modelo de democracia dominante, assume nos EUA a sua expressão mais avançada. No berço do imperialismo, o multipartidarismo assenta na existência de dois partidos – e apenas dois – com possibilidade de saírem vencedores em qualquer eleição. E como nada de significativo distingue as políticas, as práticas, os objectivos desses dois partidos – irmãos gémeos na defesa do sistema e na adopção de um código de conduta assente na ambição de domínio total do Mundo – para os eleitores tanto faz que ganhe um como o outro. Daí o folclore que são as eleições nos EUA. Daí, igualmente, as elevadas taxas de abstenção (a esmagadora maioria dos abstencionistas – que são a esmagadora maioria dos eleitores – afirma que a sua opção decorre do facto de considerar que «o meu voto não serve para nada, tudo está já decidido antes das eleições seja qual for o partido vencedor»).

Este multipartidarismo que, com rigor, deverá ser designado por unipartidarismo bicéfalo, constitui uma mascarada de democracia e um cómodo seguro de vida do sistema – e garante uma perfeita estabilidade governativa...

## "A História está cheia de exemplos trágicos da aplicação desse código de conduta."

Tudo isto é visível todos os dias mas emerge de forma mais clamorosa nas alturas em que o sistema se exhibe com orgulho e como modelo a seguir, isto é, em tempo de campanha eleitoral.

O código de conduta em vigor, subscrito e praticado por qualquer dos partidos que estiver no Poder, traduz-se, em síntese, no assumido direito de intervir, onde for necessário e com os meios julgados necessários, sempre que se considere que «a defesa dos interesses dos EUA» o exige. E a História está cheia de exemplos trágicos da aplicação desse código de conduta: sempre invocando os mais nobres valores humanos, os vários governos dos EUA – republicanos ou democráticos – são responsáveis pelos mais hediondos crimes, pelo assassinato de milhões de pessoas, pela exploração, opressão e sofrimento da maior parte da população do Planeta.

Naturalmente, os antivalores que sustentam a intervenção externa do imperialismo norte-americano estão presentes, sob as mais diversas formas, e moldam a situação interna do país, a política aí praticada, os conceitos dominantes na sociedade. O facto de um sistema estabelecer e ostentar como código de conduta o crime, a violência e o abuso da força sobre os países mais fracos, tem inevitáveis repercussões internas traduzidas na criação de uma cultura da violên-

cia e da lei do mais forte nas relações entre as pessoas. Não é por acaso que os EUA são o país com os mais altos índices de criminalidade do Mundo e onde a defesa e a prática da pena de morte são importantes argumentos de caça ao voto.

Dois condenados à morte, um deles deficiente mental, foram executados há dias no Estado do Texas. O Governador desse Estado, o candidato republicano às presidenciais George W. Bush, negou-se a conceder o perdão que o seu cargo lhe permite, «mantendo-se fiel à sua tradição de não perdoar» - «tradição» que é responsável pelo facto de, durante os cerca de seis anos do seu mandato, terem sido executadas no Texas 140 pessoas. Aliás, este candidato a presidente dos EUA – que, ao mesmo tempo que se autodefine como expoente de um «conservadorismo com compaixão», se afirma «contrário a medidas de clemência» - conta com um poderoso trunfo na corrida à presidência: o seu Estado, com metade das execuções ocorridas este ano nos EUA, é o «recordista das execuções».

Esta «tradição» é, aliás, uma componente marcante do código de conduta em vigor e ninguém espera do candidato democrata Al Gore uma posição diferente da de Bush. Vale a pena recordar um episódio semelhante ocorrido em 1992, também em tempo de eleições: um negro deficiente mental havia sido condenado à morte no Estado de Arkansas de que era governador o então candidato presidencial Bill Clinton; tal como Bush, agora, Clinton recusou, na altura, o pedido de perdão; e fez mais: em plena campanha eleitoral deslocou-se de propósito ao seu Estado natal para assistir à execução.

Ou seja: a «tradição» ainda é o que era.

Curiosamente, todos estes arautos da democracia e dos direitos humanos, para além de criminosos de facto, são profundamente hipócritas e cobardes. Arrogando-se portadores de um «mandato divino» que lhes dá carta branca para, utilizando o imenso poder e a imensa força de que dispõem, agirem como querem, quando querem e onde querem, provocam a morte e o sofrimento de milhões de seres humanos em nome da «defesa dos interesses dos EUA». E na sua vida pessoal revelam-se, amiúde, autênticos poltrões sem ponta de dignidade ou de vergonha. Está ainda presente a imagem degradante de Clinton face ao escândalo sexual em que se envolveu – imagem agravada com a grotesca «confissão» pública – e eleitoralista - a que procedeu há dias perante 4500 pastores e as câmaras de todas as televisões... Quanto ao candidato Bush, soube-se há tempos que escapou à guerra do Vietnam graças a uma «cunha» metida pelo pai, que lhe permitiu passar à frente de uma lista de 100 mil candidatos e entrar para a Guarda Nacional do Texas, assim escapando à mobilização.

O pai deste eventual futuro presidente dos EUA é, como se sabe, o ex-presidente com o mesmo nome, exímio praticante do código de conduta e da «tradição» imperiais, celebrizado pelo massacre de centenas de milhar de pessoas na Iraque anunciado como o advento de uma «nova ordem mundial».

## Actual

Muitos e estranhos são os mistérios que continuam a pairar em torno da origem e dos desenvolvimentos posteriores do incêndio que devastou 500 hectares do Parque Natural de Sintra-Cascais.



Qual a origem do incêndio? «Acidental», responde o presidente da Câmara de Cascais; a PJ, por seu lado, «afasta intenção criminosa» e informa que «as duas pessoas que terão estado na origem do incêndio (ao que parece proprietários de uma roulotte de comes e bebes) já foram constituídas arguidas»; por sua vez, o coordenador da Protecção Civil de Cascais considera que «houve situações um bocado estranhas em todo este incêndio». Ora, segundo os jornais, este incêndio, que foi o segundo ocorrido no espaço de uma semana naquela zona, deflagrou «em quatro frentes distintas» - o que, a ser verdade, fragiliza sobremaneira

## Mistérios

• José Casanova

as duas primeiras respostas e obriga a considerar atentamente a terceira. Acresce que, sempre segundo os jornais, o combate ao incêndio foi prejudicado por telefonemas anónimos lançando falsos alertas aos bombeiros e procurando afastá-los do local onde eram necessários - e se assim foi, então talvez não seja má ideia que, quem de direito, continue a investigar até que a situação fique totalmente esclarecida.

Quanto aos desenvolvimentos do incêndio, a questão mais candente é a que se prende com a atitude de um tal Miguel Champallimaud que, a dado momento, teria recusado a passagem dos bombeiros pela sua propriedade, designadamente pelo seu campo de golfe, barrando-lhes o caminho com um carro e impedindo-os, assim, de



combater uma zona do incêndio - acusação que o visado, naturalmente, nega. Fá-lo, porém, com tais veemência e linguagem que mais parece confirmar tudo o que os bombeiros dizem. Diz ele que «os bombeiros gostam é de andar com um carro com pirlampos em cima a fazer espectáculo». E, depois de verberar a «incompetência», «incapacidade» e «descoordenação» das diversas corporações de bombeiros que combateram e venceram o incêndio, o tal Miguel Champallimaud acusou os bombeiros de «mentirosos, energúmenos, relapsos e contumazes», explicando sempre, no jeito de quem traz a lição bem estudada, que não tirou o seu carro do caminho porque tinha perdido a chave...

O esclarecimento de tanto mistério é indispensável. Como o é que o Primeiro-Ministro venha a público garantir que nada será construído na zona agora ardida. Nada: nem torres, nem vivendas, nem campos de golfe.



## Nove linhas e meia

• Vítor Dias

Desde que as sondagens telefónicas «DN»/Markttest batem, mês após mês, a tecla da «espectacular subida» do CDS-PP, são às grosas os comentadores e jornalistas que pavlovianamente convertem os resultados destas sondagens em realidades políticas incontestáveis.

Avise-se já que, em rigor, nós não sabemos quanto vale hoje cada partido e não apostamos nada sobre isso, excepção feita à quebra do PS.

Mas sabemos alguma coisa que devia convidar a um módico de espírito crítico e prudência.

Sabemos, mistério maior, que esta onda mediática de opinião curiosamente não repara nem acha estranho que os elevadíssimos valores concedidos ao CDS-PP só existam nas sondagens «DN/Markttest e não tenham nenhum paralelo em outras que também têm sido publicadas mas às quais ninguém parece ligar peva.

Com efeito, em 28 de Junho, a sondagem «DN»/Markttest dava 16% ao CDS-PP mas, cinco dias antes, a sondagem «Independente»/TVI/ Metris só lhe dava 7,2%. Em final de Julho, na do «DN»/Markttest, o CDS-PP trepava alegadamente para os 19% mas, a meio do mês, a do Centro de Sondagens da SIC para a «Visão» atribuía ao CDS-PP uns menos espantantes 10,7%!

Durão Barroso irritou-se com a última sondagem DN/Markttest e veio dizer que, como esta empresa costuma dar ao PSD menos 5 pontos do que depois tem, o PSD já esta-

ria empatado com o PS. Por sua vez, o «DN» manteve-se no mesmo terreno e veio replicar que essa história do erro de 5 pontos não tinha fundamento.

Salvo melhor opinião, andaram ambos mal. Porque nós, no lugar de um e de outro, apenas teríamos seca e objectivamente lembrado e recapitulado aquelas esquecidas nove linhas e meia certamente escritas pela Markttest e publicadas pelo «DN» junto com os resultados da sondagem.



Nove linhas e meias que, protegendo a honra da casa mas, como é costume, não impedindo manchetes e títulos pletóricos de certezas nem travando imprudências e precipitações analíticas, rezavam esclarecedoramente que «a projecção de dados das intenções de voto para a totalidade dos eleitores não pode ser feita linearmente considerando a elevada percentagem de lares excluídos da amostra efectiva pelo não contacto, pelas ausências e recusas e cujo comportamento não será necessariamente representado pelos respondentes».

Mas quem tem razões para fixar estas linhas (para mais tarde recordar) e para não se entusiasmar com os resultados do PP nestas sondagens do «DN» é Basílio Horta. É que Paulo Portas arranjou o truque de, nas legislativas, se comparar com péssimas sondagens. Mas Basílio Horta tem pela frente o caldinho de se comparar com os supostos 19% que Paulo Portas e outros andam para aí a cavalgar.

## Saudades e mudanças

• Leandro Martins

De vez em quando, uma curta notícia, tratada como *faits-divers*, vem chamar a atenção para as mudanças que, em curto espaço de tempo, ocorrem no mundo. É conhecida a espantosa capacidade humana para adaptar-se às novidades - e menos ao que é realmente novo. E as mudanças de que a vida é composta - como assinalou Camões numa

das primeiras abordagens literárias do caminho que a História é e das transformações radicais que comporta - são facilmente digeridas pelas sociedades.

No momento em que escrevo, mais de uma centena de homens

estão encerrados num submarino nuclear russo, avariado a cem metros de profundidade. Não será a primeira vez que tal catástrofe acontece e, de cada vez que acontece um desastre, ele suscita a emoção. O que acontece pela primeira vez é o facto de a Rússia

haver pedido à NATO ajuda para salvar os tripulantes de um vaso de guerra. Esta parte da notícia não poderia ser lida há dez anos e dá a medida das transformações profundas que abalam o mundo.

Adaptação, para muitos, felizmente, não significa perda de memória. E saudades não significam saudosismo. Que o digam os numerosos imigrantes dos países de Leste, gente as mais das vezes com habilitações superiores, a trabalhar a dias ou na construção civil, geralmente sofrendo a ilegalidade e o abuso de uma exploração desenfreada. Conservam a memória de uma vida organizada e esperançosa. Antes da traição de Gorbatchov. E da queda do regime soviético, que consideram como a maior desgraça que poderia ter acontecido ao seu povo. «Isso de que o comunismo era uma prisão sempre foi uma mentira. Nós podíamos sair se quiséssemos. Agora é ao contrário. Somos obrigados a sair para sobreviver.» Palavras de uma jovem moldava a trabalhar no Algarve, que o «Diário

de Notícias» reproduziu há dias. E ainda: «Sei que tinha emprego. Que me pagavam ao fim do mês. Quem quisesse trabalhar, trabalhava.»

É claro, dizemos nós, que nem tudo eram rosas. Mas que dizer da miséria, da fome, do desemprego, da falta de assistência e de escolas para todos, enquanto uns poucos criminosos acumulam riqueza com a ajuda «ocidental»? Que dizer dos resultados das recentes sondagens a mostrarem setenta por cento de antigos soviéticos com saudades dos tempos de Brejnev, Tchernenko e Andropov, que elegeram como os melhores nas suas memórias?

Para esses, o mundo não melhorou, mesmo que a NATO vá salvar os marinheiros russos a cem metros de profundidade.



## Frases

“[o programa “Big Brother”] é um drama épico enaltecendo um valor maior dos tempos modernos: há gente disposta a descer até onde for preciso para ganhar dinheiro e ficar famosa. E há gente para ver.”

(Miguel Gaspar - «Diário de Notícias», 15.08.00)

“Quem marca o tempo, o ritmo e a hora é o Partido Comunista Português.”

(Carlos Carvalhas, citado em «Público», 14.08.00)

“Por este caminho, vai acontecer-lhe [ao Governo] o que um dia Eça escreveu: “Este Governo não há-de cair porque não é um edifício; há-de sair com benzina, porque é uma nódoa.””

(Nicolau Santos - «Expresso-Economia», 12.08.00)

“[a Durão Barroso] Já só lhe resta entender que a única forma de ficar nos anais do PSD não é pelo heroísmo, mas pelo martírio.”

(Nuno Brederode dos Santos - «Expresso-Revista», 12.08.00)

“O modelo internacionalizado do mercado selvagem e do salve-se quem puder dá os mesmos resultados onde quer que se implante. E por isso é multinacional o problema modernamente conhecido por exclusão social.”

(Mário Zambujal - «24 Horas», 14.08.00)

“Beja não consegue atender tantos doentes / Médicas barricam-se para não serem agredidas”

(subtítulo e título do «Público», 16.08.00)

“[...] o Governo não assume, obviamente, o fim do Serviço Nacional de Saúde (SNS), mas vem esvaziando-o de mecanismos de responsabilização, de autonomia económica, administrativa e financeira e de recursos humanos, enfatizando os chamados “constrangimentos” das carreiras, dos concursos e das aquisições por concurso público.”

(Cílio Correia, presidente da Federação Nacional dos Médicos - «Público», 16.08.00)

“Claro que seria mais barato adjudicar aos “amigos” toda a casta de serviços por critérios de duvidosa transparência e celeridade. No fundo, a política de saúde aponta para a (re)definição de um SNS residual para indigentes, marginalizados e demais utentes/doentes com poucos rendimentos e a quem não se reconhece o epíteto de “clientes”.”

(idem, ibidem)

“O dr. Fernando Gomes, que é um homem inteligente e com um largo currículo político, sabe que as coisas não lhe correram bem e que muito dificilmente poderá agora conseguir uma inversão de expectativas.”

(Mário Bettencourt Resendes - «Diário de Notícias», 15.08.00)

“É preciso tirar conclusões. Os que estão preocupados com a penetração do PP junto do eleitorado do PSD têm de se manifestar.”

(Luís Filipe Menezes - «Expresso», 12.08.00)

“Soube agora uma informação tranquilizadora para o futuro da monarquia britânica: o príncipe William, filho de Carlos e Diana, foi surpreendido em pleno acto num recanto de uma discoteca londrina: Temos homem...”

(Mário Bettencourt Resendes - «Diário de Notícias», 13.08.00)



## CGTP contra nova campanha de «moderação»

# Os salários têm que crescer

**A**o defender a moderação salarial, o Banco de Portugal veio ajudar o Governo e o patronato, procurando evitar que os trabalhadores reajam à «cassete» dos sacrifícios.

A Comissão Executiva da CGTP-IN exige que o Orçamento de Estado para 2001 responda ao objectivo de melhorar o nível de vida dos portugueses. Em confe-

rência de imprensa, a Intersindical Nacional contestou firmemente a actuação concertada de forças do Governo e do patronato, que tentam

«criar um ambiente propício para condicionar e limitar as reivindicações e aspirações de melhoria de vida dos trabalhadores». Nessa campanha foram enquadradas as recentes considerações tecidas pelo Banco de Portugal, defendendo a moderação salarial para garantir «a posição competitiva das empresas exportadoras».

### Outras soluções

A Comissão Executiva da CGTP – numa conferência de imprensa em que estiveram Amável Alves, Maria do Carmo Tavares, Américo Nunes e José Ernesto Cartaxo – repudiou mais esta tentativa de exigir o

«aperto do cinto» aos trabalhadores e reafirmou que há outros factores que determinam com mais eficácia o aumento da produtividade e da competitividade.

**O desenvolvimento não é compatível com a política de salários baixos**

A pressão para conter os salários, recordaram os sindicalistas, verifica-se também em empresas com elevados níveis de produtividade. Por outro lado, os patrões e o Governo deviam preocupar-se, sim, com a inovação e modernização das empresas, com a formação (incluindo dos próprios empresários), com «um novo modelo de desenvolvimento, em que a competitividade assente nas produções e actividades de maior qualidade e de maior valor acrescentado e, conseqüentemente, na valorização e dignificação dos salários».

«Não nos venham pedir outra vez para apertar o cinto», protestaram os dirigentes da CGTP, lembrando que o apelo ao sacrifício dos trabalhadores tem sido repe-

tido, a troco de promessas nunca cumpridas, por sucessivos governos. Mesmo durante o corrente ano, salientaram, os rendimentos dos trabalhadores estão a ser prejudicados com o aumento da inflação e das taxas de juro, que já anularam e superaram as actualizações salariais na Administração Pública e em muitos sectores e empresas. E milhares de trabalhadores, salienta a CGTP, ainda não têm as suas tabelas salariais revistas, devido a bloqueios do patronato na negociação colectiva. Por estes motivos, a Intersindical vai continuar a exigir a revalorização dos salários ainda em 2000, ao mesmo tempo que prepara as reivindicações para 2001.

Estas preocupações da central vão marcar a actividade sindical no período logo após as férias e as reuniões já agendadas, designadamente da Comissão Executiva da Inter (28 de Agosto e 4 de Setembro), do Conselho Nacional (7 de Setembro) e do Plenário Nacional de Sindicatos.

## «Rigor» outra vez só para quem trabalha

A opção política de «tentar impor a moderação salarial para travar a procura interna e resolver os problemas do défice externo», ao mesmo tempo que o Governo admite pôr em causa o crescimento das despesas sociais, é «injusta», «desqualificante» e «compromete o futuro», afirma a CGTP, sublinhando que, tal como com governos anteriores, «não estão a pedir sacrifícios a todos».

A central protesta contra o facto de que, «a troco de algumas concessões em termos de maior justiça fiscal, que tudo indica serem muito limitadas e parciais, procura criar-se na opinião pública, com o intuito de nada fazer para que tudo continue na mesma, a ideia de que um Orçamento de rigor para 2001 estará acima dos interesses particulares e defenderá o interesse geral».

Apesar de todas as aparentemente agradáveis declarações oficiais, a CGTP frisa que «o desagravamento fiscal dos rendimentos do trabalho por conta de outrem tem sido uma promessa sempre adiada», mantendo sobre os assalariados o essencial da carga fiscal. O fosso entre ricos e pobres tem continuado a crescer, enquanto persistem a «falta de vontade política de afrontar os níveis elevados de evasão e fraude fiscais».

Considerando grave que «nada se tenha feito sobre tais injustiças no nosso sistema fiscal» e que, «no essencial, tudo continue como há 5 anos», a CGTP «rejeita que o OE para 2001 represente o apertar do cinto para os trabalhadores e seja complacente para os detentores do património imobiliário e mobiliário e para os rendimentos não salariais».

## Campanha deu 190 mil contos

O resultado final da campanha para a compra da sede histórica, na Rua Vitor Cordon, em Lisboa, representou «um grande êxito, de que a CGTP-IN e o movimento sindical unitário se podem e devem orgulhar», afirma-se no documento do Conselho Nacional da central onde são apresentados os valores recolhidos aos diferentes níveis da estrutura.

Iniciada a 1 de Outubro de 1998, no dia do 28.º aniversário da Intersindical, a campanha foi dada por concluída no final de Junho, mas prosseguiu ainda o apuramento das verbas depositadas na conta bancária especial e o seu cruzamento com a documentação enviada por sindicatos, federações e uniões. Ao «Avante!», Américo Nunes adiantou que o total das receitas angariadas atinge os 190 mil contos, ficando muito próximo da meta definida (200 mil contos).

A campanha teve como principal fonte de receitas as contribuições dos trabalhadores e suas organizações. A CGTP estima que mais de cem mil trabalhadores

tenham, através dos seus sindicatos, contribuído para a compra da sede, num «acto voluntário e militante com um significado que ultrapassa em muito o simples facto de terem contribuído com mil, 2 mil escudos ou mais». Aquele membro da Comissão Executiva apontou, como «dado curioso e significativo», que tenham sido «em regra, os sindicatos operários e os sectores com salários médios mais baixos aqueles que melhores resultados conseguiram».

O resultado é ainda mais valorizado por ser obtido «num período de intensa acção sindical, em que avultaram a luta contra o pacote laboral do Governo PS e a preparação do 9.º Congresso da CGTP». «Com o êxito alcançado, a sede é nossa, e a amortização mensal da dívida restante e juros, após a entrega de 125 mil contos, é já significativamente inferior à renda que a CGTP pagava enquanto inquilino». Há ainda mais de 28 mil contos, que deverão ser aplicados em obras e mesmo numa nova amortização.

**PATRIMÓNIO DOS TRABALHADORES**

Carlos Carvalhas alerta em Silves  
para abrandamento da actividade económica

## Um «semestre negro»

Com a participação do secretário-geral do PCP, Carlos Carvalhas, a CDU realizou, no sábado, uma festa no Castelo de Silves.

Das centenas de pessoas que se deslocaram ao Castelo de Silves, a esmagadora maioria quis, com a sua presença, expressar um activo apoio à CDU, aproveitando para, simultaneamente, passar alguns momentos de convívio e alegria, ao som de música popular portuguesa, que esteve a cargo de José Maria e do Rancho Folclórico da Pedreira.

Numa curta intervenção de improviso, Carlos Carvalhas falou sobre a evolução da economia portuguesa neste último semestre, a que chamou «semestre negro», marcado pelo abrandamento da actividade económica, por um Produto Interno Bruto a crescer menos que a média europeia, por um défice da Balança Comercial e da Balança de Pagamentos que se degrada continuamente, pela crise na agricultura, na

### Governo do PS preferiu jogar no populismo e seguir política do PSD

pesca e em importantes sectores industriais. Tudo isto no quadro de uma economia cada vez mais fragilizada, dependente e subcontratada, em resultado de uma política que não quis enfrentar os graves problemas do País, preferindo jogar no populismo e seguir opções idênticas às do PSD de Cavaco Silva.

O Governo do PS, recorreu, assim, muitas vezes ao eleitoralismo, disse Carvalhas, dando como exemplo o caso do aumento dos combustíveis, decidido como forma de congelar os salários da função pública, e da reforma fiscal que, não tendo sido feita, implica que também não se faça, por exemplo, uma boa reforma da segurança social ou da Saúde.

Segundo Carlos Carvalhas, é neste contexto que surge um grande descontentamento

por parte de muita gente que votou no PS e numerosos protestos e lutas dos trabalhadores e populações.

### Repor taxa bonificada

Referindo-se, depois, aos fogos que se têm verificado ultimamente, Carlos Carvalhas afirmou que, embora o PCP não tivesse criticado ou atribuído demagogicamente só culpas ao governo,

como outros partidos fizeram, considera, entretanto, que há atrasos na implementação de medidas aprovadas na Assembleia da República e consagradas na Lei de Bases da Floresta, visíveis na prevenção mas também no atraso na reconversão florestal, mostrando que o Governo também tem responsabilidades nesta matéria.

Quanto ao Parque Natural Sintra-Cascais, para o secretário-geral do PCP,

«não basta dizer que não se irá edificar ali», é preciso que também se diga que não se irá construir campos de golfe, sabendo-se, como se sabe, que muitos fogos estão ligados a interesses especulativos.

Por fim, Carlos Carvalhas, tendo em conta a situação aflitiva que muitas famílias estão a viver, defendeu a reposição imediata da taxa de bonificação à aquisição de casa própria, sem esperar por Outubro.

Por sua vez, Francisco Martins, vereador da CDU na Câmara Municipal de Silves, teceu críticas à gestão do PSD em Silves, que, para além de não ter obras, limitando-se a executar os projectos deixados pela CDU, levou a Câmara a uma situação financeira desastrosa. O que, na opinião deste vereador, mostra a necessidade imperiosa de colocar de novo a CDU a presidir aos destinos do município.

## Festa da Liberdade anima Escoural

Terminou no domingo a Festa da Liberdade que, durante dois dias, animou a freguesia do Escoural.

Promovida pela Comissão de Freguesia do PCP, a festa foi marcada por um clima de grande alegria e convívio, a ela acorrendo milhares de pessoas, entre as quais se podiam ver inúmeros jovens, que, aliás, contribuíram de forma decisiva para o êxito da Festa.

Como o próprio nome indica, a Festa da Liberdade assinala as grandes tradições de luta da freguesia do Escoural, concelho de Montemor-o-Novo, onde antes do 25 de Abril os trabalhadores e a população se bateram por melhores condições de vida e contra o grande latifúndio -

suporte da ditadura fascista e, após a Revolução de Abril, pela transformação revolucionária dos campos, que foi a Reforma Agrária.

«A população do Escoural não esquece as conquistas da Revolução de Abril, a luta pela sua defesa, que deixou marcas profundas, que levou ao assassinato de dois filhos desta terra, militantes comunistas, trabalhadores da Reforma Agrária, Caravela e Casquinha», lembrou Raimundo Cabral na sua intervenção política, perante mais de um milhar de pessoas.

Além de fazer uma análise à situação política e referir as consequências da política de direita do PS para os trabalhadores em geral e para os jovens e reformados em parti-

cular, o dirigente comunista exortou à continuidade da luta contra essa política, como, de resto, vem acontecendo em vários sectores sociais, afirmando que, tal como no passado, «também no presente o PCP está firmemente empenhado na mobilização de todos aqueles que sofrem no dia-a-dia as consequências desta política».

Raimundo Cabral sublinhou, ainda, a importância da participação de todos os comunistas na preparação do 16.º Congresso do Partido, que se realiza em Dezembro, considerando que a Festa da Liberdade, com uma grande participação popular, é também «uma forma viva de contribuir para o reforço e o pres-

tígio do PCP». Porque com o reforço da ligação dos comunistas aos trabalhadores e às populações, «o PCP torna-se mais forte e mais interveniente».

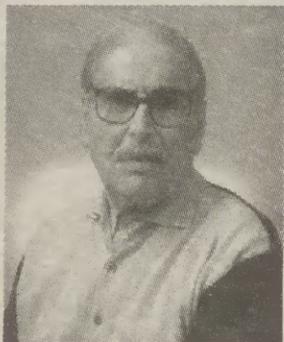
A terminar, Raimundo Cabral assegurou que «os trabalhadores e toda a população laboriosa podem contar com a luta firme do PCP» e salientou a importância da acção dos militantes do PCP na mobilização das pessoas para a luta em defesa dos seus interesses e contra a política de direita, considerando-a como «a melhor resposta dos comunistas a todos aqueles que desejam que o PCP se torne num partido social-democratizante e colaborante com a burguesia».

### ▼ CAMARADAS FALECIDOS

#### David Rodrigues

Com 86 anos de idade, e após prolongada doença, faleceu David Rodrigues, no passado dia 11 de Agosto, no Lugar da M6, na vila de S. Pedro da Cova.

Aderiu ao Partido em Outubro de 1945, colaborou no MUD, bem como em todas as campanhas eleitorais durante o fascismo, desde o general Norton de Matos, Ruy Luís Gomes, Arlindo Vicente e General Humberto Delgado. Como operário têxtil sindicalizado, participou com outros camaradas em lutas por eleições livres e melhores salários. Difundiu muitas dezenas de exemplares do *Avante!*, do *Militante* e do *Têxtil*, entre outros materiais do Partido. Desta actividade resultaram quatro prisões pela PIDE. A primeira foi durante dois meses, desde Março de 1965 até ao fim de Agosto do mesmo ano, de onde saiu atacado pela doença pulmonar e de coluna, resultado dos bárbaros tratamentos dos agentes da PIDE: tortura de estatura e isolamentos. Foi reformado um ano depois, apenas com 54 anos de idade, e preso pela segunda vez, em Março de 1970, sob a acusação de distribuir materiais do Partido exigindo indemnizações e outros direitos dos mineiros de S. Pedro da Cova, por ocasião do encerramento das suas minas de carvão. Foi ainda detido, em Abril de 1972, por um dia, na grande manifestação do Porto contra o aumento do custo de vida.



Após a Revolução de Abril, trabalhou sempre na organização do Partido em S. Pedro da Cova e na difusão do *Avante!* e do *Militante* na sua zona. Assumiu ainda a cabeça de lista nas primeiras eleições autárquicas, após o 25 de Abril, e foi membro da Assembleia de Freguesia de S. Pedro da Cova, bem como membro fundador do MURPI na mesma freguesia. David Rodrigues foi também um dos principais activistas do museu mineiro de S. Pedro da Cova.

#### Honorato Martins de Sousa

Vítima de acidente de viação foi a enterrar, no dia 4 de Agosto, em Alcobaça, o camarada Honorato Martins de Sousa. Antes do 25 de Abril pertenceu à célula das OGMA de Alverca, passando pelas cadeias fascistas. Pertenceu ao Movimento da Juventude Trabalhadora (MJT), foi funcionário do Partido e integrou a Comissão Central da União das Juventudes Comunistas (UJC). Ultimamente estava organizado no sector camponês.

Aos familiares e amigos dos comunistas falecidos, o colectivo do *Avante!* manifesta sentidas condolências.

### Libertados suspeitos da CREL

«Ninguém pode ser preso com carácter efectivo por crimes que não cometeu», afirma José Neto, do Comité Central do PCP, num comentário divulgado segunda-feira a propósito da libertação de «suspeitos» do assalto na CREL. «Comprovando-se ter havido erro de investigação ou judicial, não podia ser mantida a prisão preventiva dos jovens em causa», diz o dirigente comunista.

Contudo, acrescenta a nota distribuída pelo Gabinete de Imprensa do Partido, «havendo provas de que participaram noutros crimes, devem ser responsabilizados por isso, não ficando impunes».

Por fim, o camarada José Neto salienta que, «para lá das necessidades de novas políticas que ataquem pela raiz estes problemas, é exigível a maior ponderação na actuação das polícias e do poder judicial, bem como uma maior coordenação e eficácia das forças de segurança e mais rapidez na realização da justiça».

## Em vez de leite e carne... rosas e laranjas

Manuel António Martins, presidente da Associação Agrícola de S. Miguel (a maior dos Açores), disse ao jornal *Açoriano Oriental*, em 20 de Julho passado, que «a lavoura micalense não pode nem deve ser usada para os jogos eleitorais...»

No 10.º Congresso da Agricultura dos Açores, a 12 de Maio anterior, a organização convidou deputados do PS e PSD (apenas...) para falar aos preocupados lavradores.

Um deles (do PS) manifestou-se bem mais apoquentado com o sucesso do plantio da rosa (face ao retrocesso da laranja) do que com o futuro da agropecuária açoriana e a garantia do aumento da quota leiteira para a Região.

Nada mais natural, portanto, esta resposta do dirigente agrícola aos argumentos politiquieiros então usados para disfarçar a falta de segurança de quem hoje, querendo fugir-lhe, tem por obrigação garantir o futuro do desenvolvimento agropecuário dos Açores.

Na verdade, Adolfo Lima, ex-secretário de Estado PSD da Agricultura e Pescas, chegou a classificar o sector agropecuário como o principal para a economia regional. Mota Amaral, no entanto, no último Plano de Governo (do qual desertou repentinamente, com medo de ir a votos), virou o «bico ao prego» e defendeu que afinal o turismo é que era a base económica regional.

Eis que surge o Governo Regional do PS (depois de 1996), em aparente contraponto, a desautorizar tal perspectiva e a recon-

firmar, no seu Plano para 97, a Agricultura e Pescas como a **Base Económica Regional**. Só que, após quatro anos de mandato, conclui tal como o PSD que o turismo é o futuro (e também é, sem dúvida...), para deixar os lavradores e agricultores açorianos outra vez «de calças na mão», sem política definida para o sector.

Em Junho de 96, podia ler-se no *Açoriano Oriental*: «O líder socialista Carlos César responsabiliza (e acusa) o secretário da Agricultura e Pescas (PSD) por ainda não ter solicitado ao Ministério da Agricultura o aumento da quota leiteira para a Região...» (que era, afinal, a das mesmas 400.000 toneladas de hoje, após quatro anos de amnésia do Governo César...).

Por favor, não brinquemos. É que são cerca de 10.000 explorações agropecuárias nos Açores, envolvendo 15% da mão-de-obra activa e muita gente directa ou indirectamente dependente, garantindo o abastecimento de 25% do mercado de leite e lacteínios de todo o território nacional.

Apesar de mais manipulada do que politicamente apoiada, ao longo dos últimos 20 anos, a agropecuária açoriana ainda faz parte (e tem vida própria para continuar a fazer, se a deixarem...) da base de sustentação económica principal do arquipélago.

Já nos esquecemos do fim do ciclo da laranja nos Açores, nos finais do século passado, por lhe ter dado uma praga? E que as rosas, para além de ficarem bonitas nas proceções, não matam a fome a ninguém?

● Mário Abrantes

## MARINHA GRANDE Executivo continua a provocar

Depois de ter abusivamente retirado as faixas colocadas pelos trabalhadores «excedentários» da Manuel Pereira Roldão a denunciar a grave situação em que vivem, a Câmara Municipal da Marinha Grande decidiu, agora em nota à comunicação social, prosseguir a provocação aos trabalhadores e ao povo do concelho, usando uma linguagem que fere todos os valores democráticos. Para a Concelhia da Marinha Grande do PCP, melhor seria que, em vez de procurar silenciar a contestação à política do Governo, a Câmara se empenhasse na resolução dos problemas como os da Rua das Rafzes, da Rua das Hortinhas, da Pedra da Fonte Santa, do Pero Neto ou de Casal, entre outros. Ou que implementasse políticas de ordenamento urbanístico que ponham a população e os seus anseios acima dos interesses instalados na autarquia. Enfim, diz o PCP, o concelho precisa de um projecto autárquico credível, com pessoas que saibam pôr acima dos seus interesses os da comunidade.

## VALONGO Défice de transportes

A Câmara Municipal de Valongo prossegue uma construção em grande escala sem se preocupar em assegurar as infra-estruturas necessárias à qualidade de vida dos habitantes, como acontece na Abelheira-Susão, onde a capacidade de transporte instalada é pouco mais que nula, obrigando a percursos de quilómetros para a deslocação das pessoas para o trabalho. Entretanto, o Presidente da Câmara «lava as mãos» em relação ao problema, em vez de zelar pelos interesses da população e pressionar as entidades responsáveis para a tomada de medidas adequadas.

Por sua vez, o deputado comunista Honório Novo, que a convite da CDU visitou o concelho de Valongo, tendo-se inteirado sobre os problemas relacionados com os transportes nesta zona, dirigiu dois requerimentos ao Governo, através dos quais pretendia saber designadamente por que razão o Ministério não viabiliza de imediato, com os STCP, uma extensão da linha 29 à Quinta da Lousa e a construção no local de um apeadeiro da Linha do Douro.

## LISBOA Mais privatizações?

A célula dos Ferroviários da ORL do PCP considera que a orientação política seguida nas empresas do sector é marcada pelo esbanjamento de recursos, por um lado, e pelo agravamento das condições de trabalho e a tentativa de extinção dos serviços sociais, por outro. Tudo, afinal, com o objectivo de privatizar os segmentos rentáveis. Assim, denunciam os comunistas, alarga-se o trabalho a prazo; recorre-se a novos critérios de avaliação profissional, de forma a assegurar que a mudança de escalão remuneratório apenas se faça, na melhor das hipóteses, ao fim de três anos; encerra-se para obras (que nunca mais começam) a cantina de St.ª Apolónia e ensaia-se o encerramento do seu infantário. Simultaneamente, procede-se a acções intimidatórias dos trabalhadores, como as notas de culpa a dois dirigentes sindicais por legalmente participarem num piquete de greve e ao revisor do comboio assaltado em Cascais, erigido em «bode expiatório».

# O Verão

**M**esmo correndo o risco de incomodar alguns espíritos em férias e intranquilizar outros que mesmo que aconteça a pior desgraça consideram sempre que o melhor é fingir que não houve, porque falar dessas coisas incómodas é não contribuir para a boa imagem do Algarve e portanto ser no mínimo um péssimo algarvio e um envergonhado português; apesar de saber que mais uma vez vou ser acusado de aproveitar politicamente o que por acidente nos correu mal; apesar de tudo isso não posso deixar de fazer referência a acontecimentos que pela sua gravidade prejudicam de facto a imagem do Algarve, principal destino turístico do País.



Carlos  
Luís  
Figueira  
Membro  
da Comissão  
Política

Descansem todavia porque não vou falar daquilo que já é rotina. As acessibilidades que ainda o não são, as crónicas e desesperantes bichas de trânsito caótico, o aumento dos preços dos bens alimentares que jamais após o Verão descem aos níveis da subida, os restaurantes onde não é possível entrar e comer decentemente com base numa relação cuidada entre o que cobram e a qualidade que servem, o incómodo barulho nas zonas residen-

ciais, as irritantes manifestações sonoras das exibições nocturnas dos «moto-sexuais», os espectáculos de música pimba que proliferam por tudo quanto é sitio, a falta de imaginação que ano após ano revelam todos aqueles que se dedicam a produzir notícias sobre os políticos em férias.

Só que a esta fastidiosa e rotineira lista eis que este ano, ainda o Verão não tinha aquecido e as temas águas do mar algarvio não apresentavam ainda o afago do levante, para delícia dos corpos e a insubmissão dos espíritos, acontecia uma rotura no abastecimento de água em vastas zonas da cosmopolita Albufeira, as descargas de uma ETAR para cima de uma

“ Há acontecimentos  
que pela sua  
gravidade prejudicam  
a imagem  
do Algarve ”



das suas mais emblemáticas praias e o enorme apagão que demoradamente atingiu a zona não menos turística de Portimão.

Por muito que alguns dos responsáveis por tais desmandos tivessem, como é costume, de forma apressada, «sacudido a água do capote», transferindo para o domínio do golpe de azar, do imprevisível e do inesperado, tais acontecimentos revelam irresponsabilidade, traduzem falta de planeamento e acompanhamento devido às obras de infra-estruturas no decurso da sua construção e são igualmente consequência de se ter entregue, de mão beijada, à voragem do lucro e às suas implacáveis regras, importantes e estratégicos sectores da economia nacional como é o caso presente da produção e distribuição de electricidade.

## Desmandos têm nome

Os protestos que se seguiram, sobretudo no caso de Portimão, os quais incluem a possibilidade de pedir uma indemnização pelos avultados prejuízos causados, embora justos, não eliminam a questão de fundo. E esta prende-se com a dinâmica privada de uma empresa que apesar de prestar um serviço público, estratégico para o País, nas suas decisões podem estar mais presentes a distribuição de dividendos aos seus accionistas do que investir na reposição de material há muito fora de prazo. Que pelo menos este episódio sirva a todos aqueles (nos quais temos de incluir os que agora atingidos nos seus particulares interesses derramam lágrimas de crocodilo sobre o acontecido) que em nome da eficácia do privado apressadamente vêm defendendo a privatização da recolha de resíduos urbanos e industriais bem como a privatização da distribuição em baixa de água ao domicílio, sobre as consequências futuras de tais decisões.

Quanto à rotura no abastecimento de água em Albufeira a que se seguiu a descarga da ETAR para cima do areal de uma das suas mais emblemáticas praias, o mínimo que se exige é que claramente sejam penalizados os seus principais responsáveis. Justamente aqueles que há mais de duas décadas dirigem a gestão deste importante concelho, gestão que tem no seu activo um deficiente e caótico planeamento urbanístico, ao qual se soma o atraso na construção das necessárias infra-estruturas devidamente planeadas para as elevadas cargas humanas que, mesmo que temporariamente, têm de suportar. E os responsáveis por estes desmandos têm nome e pertencem a uma força política — o PS.

É pois neste quadro que no pré-Agosto em mais uma visita de propaganda, Jorge Coelho, ministro das Empreitadas do Governo, veio anunciar pela enésima vez a resolução das acessibilidades do Algarve com novas marcações de prazos que à partida se sabe que dificilmente vão ser cumpridos. Na mesma senda, dias depois, em pleno Verão, o ministro Sócrates anuncia com toda a pompa um conjunto de acções a mobilizar milhões para melhorar a imagem de todo o nosso litoral. Propõe-se o dito, em voz grossa, ser implacável, sem contemplicações!

Cá ficamos activamente à espera de tais prometidos actos. Porque para os concretizar vai ser necessária muita coragem política e francamente figuras como a do Major Valentão já nos basta a dos «Donos da Bola».

# A GNR e o Jet-Set...

## O insólito aconteceu!

**A** fazer fé nas notícias que mereceram destaque de primeira página num conhecido semanário, um abastado e consumista «empresário» da nossa praça decidiu comemorar as «bodas de prata» do seu casamento e presentear a sua esposa com uma «festa de arromba» que, pela sua grandeza e brilho (referem), tentou igualar e mesmo até ofuscar a prodigiosa imaginação dos autores dos célebres contos das Mil e Uma Noites. Parece que, efectivamente, nada foi deixado ao acaso já que dinheiro não era problema... A «nata da sociedade» correspondeu à chamada e esteve representada através de cerca de 750 convivas, que não quiseram perder a oportunidade de comer e beber à grande e à francesa e de posarem

absurdo tanto maior quanto pactuaram com esta situação personalidades com responsabilidades públicas e uma força de segurança do Estado.

Como é possível que os meios e recursos de uma Força de Segurança do Estado português (neste caso concreto homens e cavalos) sejam cedidos para participar, como meros figurantes, numa festa de natureza particular e privada e com objectivos que, por certo, não se identificam, milimetricamente, com o interesse nacional... mesmo e apesar da presença das inúmeras personalidades representativas da «nação» e com responsabilidades no estado a que esta infelizmente chegou... Rebentada a «bomba» e colocados perante tão flagrante evidência de delapidação dos recursos do Estado e da má utilização da «força pública» - o Ministério da Administração Interna e Comando da GNR esfalfaram-se para encontrar argumentos e justificações,

que acabaram por sair esfarrapados: o representante do ministro nada diz e nada tem a dizer sobre a matéria, aliás palavreado a que já habituaram fartamente os portugueses; e o porta-voz do Comando refere que tal cedência de homens e cavalos está regulamentada e até tem uma «tabela de preços» (sic). E tudo isto, repito, tudo isto foi dito com o ar mais sério deste mundo!...

Por esta óptica e se a «moda» pega, vamos passar a ler no Relatório de Segurança Interna, na parte respeitante à «actividade operacional da GNR», que houve um forte incremento motivado pela sua participação nas festas mundanas da Fifi e da Cácia do Restelo, ou no aniversário do Zézé de Cascais... e outras tantas aberrações!

A GNR, como Força de Segurança pública do Estado português, e os seus agentes, investidos da qualidade de agentes de autoridade, estão exclusivamente ao serviço do interesse público e da segurança dos cidadãos. Não pode, em nenhuma situação, a Força Pública ser utilizada ou colocada ao serviço de interesses particulares e privados (que nada têm a ver com questões de segurança) e a dignidade dos seus agentes ser posta em causa de forma tão leviana e irresponsável. A situação que o referido semanário cataloga de excessiva, por certo tem contornos de maior gravidade do que aqueles que foram trazidos ao conhecimento da opinião pública. O Estado tem condições e a obrigação moral de investigar situações e factos que, pela sua natureza, possam pôr em causa o interesse nacional e a dignidade das instituições.

Ou será que, mais uma vez, temos que chegar à triste conclusão de que o «dinheiro compra tudo», mesmo a dignidade de uma Força de Segurança do Estado?

● JM



para a posteridade, através dos flashes e comentários das «utilitárias» editoras que se dedicam à tão «nobre como distinta» missão de «informar e esclarecer» a opinião pública sobre o «complexo e chique mundo» daqueles que fazem parte da «célebre, humanitária e letrada» Agremiação do Jet-Set.

E... do cenário principal, digno das noites arábicas, nem se fala! Desde uma gigantesca tenda, importada ou cedida por um qualquer sultanato, passando por selins vermelhos e verdes e outros adereços provenientes do reino de Marrocos, até ao conjunto de cavalos e cavaleiros trajados a rigor (estilo medieval), no papel de figurantes e pertencentes e cedidos «gentilmente, ou não» pela Guarda Nacional Republicana..., foi um autêntico regafefe!

Umhas largas dezenas de milhares de contos gastos em pura manifestação de ostentação, luxo e poder, em contraponto às dificuldades crescentes sentidas por milhares de famílias portuguesas... Um ultraje e

Bombeiros fazem diagnóstico e propõem medidas

## Em defesa da floresta

«Delinear uma estratégia integrada e uma nova atitude perante a problemática da floresta e da sua preservação», eis, em suma, o objectivo da Jornada de Reflexão que a Liga dos Bombeiros Portugueses (LBP) se propõe realizar em Outubro próximo.

O anúncio foi feito no passado dia 11 em comunicado emitido na sequência de uma reunião extraordinária do seu Conselho Executivo, realizada na véspera. Tema em foco no decorrer da reunião daquela estrutura dirigente dos bombeiros, como não podia deixar de ser, foram os fogos que têm vindo a consumir a floresta e as condições em que trabalham as corporações para lhes fazer frente.

Realçado foi o esforço sobre-humano a que os bombeiros estão a ser submetidos devido à multiplicidade de sinistros «que se prolongam ao longo de horas e dias, em várias zonas». Isto implica despesas extraordinárias com alimentação do pessoal, combustíveis e reparação de viaturas. E foi este facto que levou a Liga dos Bombeiros Portugueses (LBP) a pedir que lhes seja pago «um adiantamento por conta».

Os bombeiros justificam o pedido com o facto de, habitualmente, essas despesas só lhes serem «parcialmente pagas no início do ano seguinte» ao da realização desses gastos.

«Assumindo uma atitude competente e de inquestionável empenhamento, num desafio permanente aos limites da resistência humana,

pondo muitas vezes em risco a sua própria vida, os bombeiros portugueses constituem exemplos vivos de heróis anónimos, entregues à nobre missão de defesa de bens e pessoas, ameaçados pela fúria devastadora do fogo, provocada pela negligência ou pela acção criminosa de interesses sem escrúpulos», assinala a LBP no seu comunicado.

### Falta uma estratégia

E depois de recordar alguns números sobre o flagelo - na última década registaram-se mais de 228 mil incêndios no País, que dizimaram mais de um milhão de hectares -, o texto lembra que esses fogos «são o efeito de causas sucessivamente diagnosticadas para a eliminação das quais tardam medidas integradas, também elas igualmente diagnosticadas».

Sublinhando que o País carece de um plano nacional de preservação, limpeza e ocupação dos espaços florestais, os bombeiros adiantam diversas medidas para que tal plano seja uma realidade.

Uma dessas medidas em falta, do seu ponto de vista, é «a necessidade de criar incentivos efectivos a cerca de meio milhão de pequenos proprietários para que cuidem das suas parcelas de floresta».

Por outro lado, realçam, seria necessário que a intervenção nas

### O País carece de um plano nacional de preservação, limpeza e ocupação dos espaços florestais

florestas e nas áreas de paisagem protegida fosse subordinada a uma lógica interdepartamental, «diri-

gida por um organismo único, pondo-se fim aos conflitos de estratégias e competências e respectivos institutos e direcções gerais».

Uma outra área em que são necessárias medidas prende-se com a falta de «um quadro jurídico menos permissivo e vulnerável, que trate o crime de fogo posto de acordo com uma moldura penal consentânea com a gravidade dos efeitos patrimoniais e ambientais deste delito».

«A floresta nacional só poderá ter solução quando a sua preservação for considerada uma causa nacional, pela qual é preciso combater todos os dias e durante todo o ano e não apenas quando a pressão mediática dos incêndios a classifica como acontecimento e muitos responsáveis a identificam como sendo «época especial de fogos florestais», conclui a Liga dos Bombeiros Portugueses.

## Beja sem automóveis

### Em defesa do ambiente

O centro da cidade de Beja vai ter o trânsito automóvel condicionado no próximo dia 22 de Setembro. É o resultado da adesão do Município à iniciativa europeia «na cidade, sem o meu carro», à qual já aderiram mais de seis centenas de cidades de vários países. A capital do Baixo Alentejo será assim uma das sete localidades portuguesas a participar numa acção que visa chamar a atenção dos cidadãos para a necessidade de restringir a circulação rodoviária nos centros urbanos, em ordem à melhoria da qualidade de vida e à diminuição dos índices de poluição.

Segundo a Câmara Municipal de Beja, que anunciou a sua decisão no final da passada semana, o trânsito em 22 de Setembro apenas será permitido aos transportes públicos, que serão objecto de reforço, a viaturas movidas a energias alternativas e a viaturas de emergência.

Os veículos de deficientes e velocípedes sem motor também poderão circular, assim como os carros de cargas e descargas, mas apenas por um curto período de tempo. A autarquia não esconde a sua convicção de que, por esta via, «as ruas vão ser devolvidas aos peões», tendo projectado diversas iniciativas culturais e desportivas para assinalar o dia. Prevista está concretamente a animação de rua com a presença de crianças das esco-

las, actuações de grupos de teatro, banda filarmónica, corais, projecção de filmes, passeio cicloturístico e uma visita guiada ao centro histórico.

No Alentejo, também a cidade de Évora já aderiu à iniciativa ambiental. Para o presidente da Câmara Municipal, Abílio Fernandes, esta será uma oportunidade para demonstrar as vantagens de um centro histórico sem a pressão exercida pelos automóveis privados.

No caso deste centro histórico, onde entram 41 mil viaturas/dia e onde há apenas três mil lugares de estacionamento (metade da procura), o dia 22 de Setembro será marcado por restrições à circulação, mas também por algumas medidas para compensar os cidadãos, como o reforço dos transportes públicos.

Os utentes desse serviço público poderão contar com um passe especial só para um dia, estando assegurados os transportes de turistas, para os hotéis, assim como para os pais que necessitem de levar as crianças aos infantários localizados dentro das muralhas da cidade. A autarquia assegurará ainda as ligações, por autocarro, entre os parques de estacionamento situados fora das muralhas e o centro da cidade, assim como pretende testar novos percursos para os transportes colectivos, entre os quais o «circuito das muralhas».



**As virtudes da corrida**

O médico Manuel Martins fala sobre a corrida a pé e dá valiosos conselhos.

Pág. 14

**Avante! 2000**

Uma programação de qualidade onde não falta a estreia de um espectáculo.

Pág. 10



**Ruas animadas**

Samba, bombos, fanfarras, pregões, animação circense - tudo nas ruas da Festa.

Pág. 11

# Na festa!

FESTADO Avante! 2000

1 2 3 SETEMBRO • ATALAIA • AMORA • SEIXAL



## O JULGAMENTO DO CHICO DO CACHENÉ



CHICO DO CACHENÉ

Foi, indiscutivelmente, uma brilhante tarde de castigo fado, aquela que no sábado, 28 de Julho último, passámos na Adega Machado (rete Verde), de que são proprietários o conhecido violista Armando Machado e sua esposa, a simpática e adorável Maria de Lourdes. Deu motivo ao pilorresco julgamento de um simples boneco este, que mereceu a piedade que à sua volta se tem já hoje, não só naquele estabelecimento onde se exposto, mas também em Bairro Alto, um tipo cheio o lia.

Deve-se ao extraordinário de D. Tomás de Melo, e espírito sempre juvenil do querido amigo João Linhares a aura tão típica deste boneco, como grande artista que é, vestiu-o graciosamente todo o movimento segundo, deu-lhe o nome, criou-lhe ambiente, dando-lhe uma pianinha da sala de jantar. O realce público desta intervenção fadista que o fez. Pois... leitor, o «Chico do Cachené» foi o rei desta festa e réu, porque julgado e a acusação que lhe foi a de ter vivido uma mulher... Crime punível dentro dos códigos. O julgamento, que nhado dum laudo respeitadíssimo de quase todos



Maria de Lourdes

**É O FAZ MAIS FADISTA**

Depõe Maria de Lourdes

O «Chico do Cachené» tem sempre um grãozinho n'asa... é o faz mais fadista que «habita» na minha casa!

Com ele nunca houve tricas nem intrigas, nem sarilhos; gostam dele os meus dois filhos, tanto o Pipas como o Licas. Dizem que amou certa Micas - Que poucos sabem quem é - e como ela passou o pé...



Gabino Ferreira

**Boemla, valente e artista**

Depõe Gabino Ferreira

Vingava a honra ofendida, tinha uma alma aliruista; antes do fado ser arte já o Chico era um artista.

Certo amigo do Peniche, que ele julgava uma jóia, viu-o ele de típica com a Micas, em Carriche!... Vi-os, aguentou-se fixe, mas não gostou do partida. Depois «pancou a atrevida»...



Fernando Farinha

**Confidências do Chico**

Depõe Fernando Farinha

Certa vez - foi à noite - O «Chico do Cachené» chamou-me e disse: - «Farinha avou contar-te a vida minha para saberes como é:

« Bem criado e mal fadado... « os meus dias tinham de ser... « por ele era adorado... « instruído e educado: « para a andar no liceu.



João Linhares Barbosa (o «Juiz»)

**«Leis do Fado não se mudam...»**

(Bocage)

**Sentença**

O «Chico do Cachené» já todos sabem quem é: É um boneco inocente, sem gestos, sem atitudes, sem defeitos, sem virtudes. Um boneco, simplesmente...

Concebido e modelado P'la nossa imaginação com barro da fantasia, é um sópo do Passado, um pouco de Tradição, de Sonho e de Poesia.

Criámo-lo à nossa imagem com mais ou menos verdade. Somos os seus criadores. Rendemo-lhe vassalagem, porque fala da saudade e até dos nossos amores.

Pretendemo-lo julgar. Vimos que ele era, porém, filho do meio ambiente. É que era um caso vulgar: Era um tudo de ninguém... um nada de toda a gente.

Ninguém, com certeza ignora que estivemos evocando a Tradição, o Passado... Bendita esta «Bôa-hora» onde estivemos brincando com as guitarras e o Fado!

Não se provou a má fé nos pecadilhos do arguido. - Que as paixões nos não iludiu. O «Chico do Cachené» está portanto absolvido: «Leis do Fado não se mudam»



# Uma história de fado

Ao longo dos anos, o fado tem tido um lugar especial na Festa. Na edição de 2000, é apresentado o «Julgamento do Chico do Cachené», um espectáculo com base na história de um boneco acusado de viver à custa de uma mulher, da autoria de Linhares Barbosa. Do juiz às testemunhas, as intervenções de todas as personagens são fados.

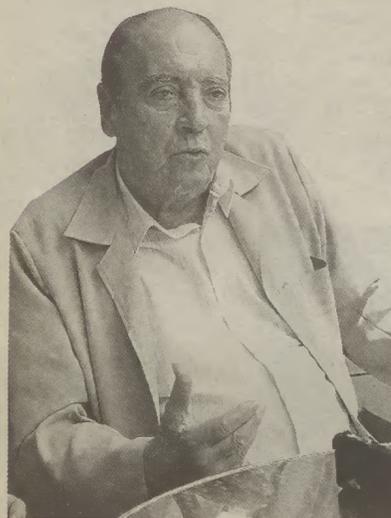


Avante! teatro 2000

# Noite de estreia

O Avante! apresenta-se num espaço renovado, com condições melhoradas para público e actores. Na sua programação, para além de continuar a propor muito do que melhor se faz em Teatro no nosso país, destaca-se a estreia de um espectáculo de homenagem ao poeta José Gomes Ferreira, cujo centenário do nascimento se assinala este ano.

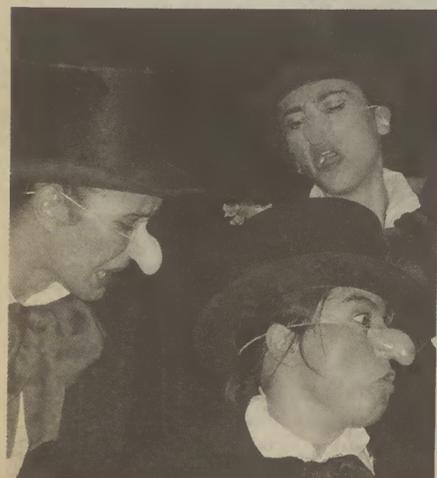
## Canto e Castro diz José Gomes Ferreira



A estreia do espectáculo com textos de José Gomes Ferreira é a grande novidade e um dos principais atractivos do Avante! 2000. Com encenação Joaquim Benite e de Vítor Gonçalves, o espectáculo parte de uma selecção de textos do poeta, interpretados pelo actor Canto e Castro. Ligando a poesia à música, a violoncelista Aída Silva, executará peças de Bach, Lopes-Graça e Paul Hindemith, numa selecção da sua autoria. Por último, o desenho de luz estará a cargo de José Carlos Nascimento. Um espectáculo a não perder, com estreia marcada para sábado na Festa.

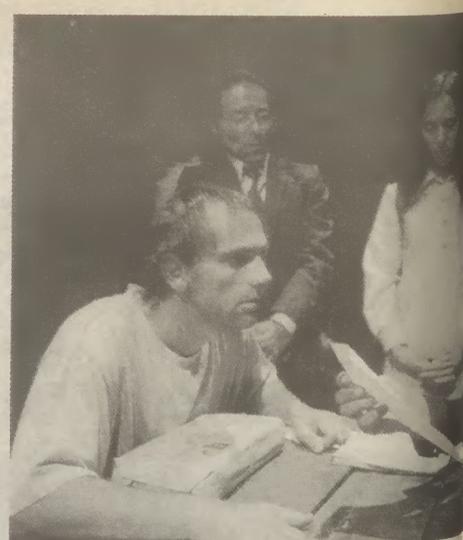
### Teatro ao Largo

## «O Homem Que Plantava Árvores»



O Teatro ao Largo traz à Festa um espectáculo de teatro que assenta num grupo de seis actores, vestidos como saltimbancos de antigamente, que aparece na rua puxando uma carroça pesada. Rapidamente transformam a carroça num palco, chamando o público. O espectáculo «O Homem Que Plantava Árvores», de Jean Giono, recorre às técnicas tradicionais de saltimbancos: um velho «teatro miniatura» inglês; comédia no estilo do «teatro de feira»; música ao vivo; canções e danças. O assunto

é a história verdadeira de um pastor francês que, sem ajuda, plantou uma floresta numa região desertificada no Sul de França, no início do séc. XX. Embora seja peça de divertimento, o espectáculo salienta o papel e as responsabilidades de pessoas normais na regeneração das zonas rurais. A encenação e música original é de Stephen Johnston, que também integra o elenco com os actores Maria José Bruges, Tânia Gonçalves, Rui Penas e Zé Pedro Ferraz.



## Companhia de Teatro O Carteiro de

O espectáculo que esteve em cena cinco meses no Teatro Municipal de Almada obteve um enorme êxito de público e de crítica, tendo já sido representado em várias cidades do país, como Porto, Coimbra, Damaia, Covilhã e Faro, e no Festival de Teatro de Badajoz.. O Carteiro de Neruda, com adaptação de Carlos Porto, apresenta-nos a história de Pablo Neruda e Mário, um jovem carteiro que descobre o poder da metáfora através do contacto com a poesia de Neruda e da amizade com o poeta. O fenómeno de sucesso que constitui o filme O Carteiro de Pablo Neruda, que esteve cerca de dois anos em cartaz no Cinema Mundial em Lisboa, de certo que não é alheio a um regresso às coisas simples da vida, a um desejo

## SubUrbe Zapatistas AM/PM

Este é um espectáculo sobre o movimento zapatista, que se insurgiu no Estado de Chiapas, no Sudeste do México, a 1 de Janeiro de 1994. Os zapatistas são um movimento indígena que recuperou, nas montanhas e na selva, a herança de luta e rebeldia do general Emiliano Zapata. Sob o título Zapatistas AM/PM (ante México/ post México) o espectáculo foi apresentado num encontro internacional de teatro na Cidade do México, tendo o grupo participado numa caravana que foi ao encontro do exército zapatista no meio da selva. O contacto directo com os zapatistas e com as terríveis condições em que vivem, obrigou o grupo a repensar o espectáculo. Agora, prepara-se para apresentar a parte PM e confrontar o público com dois olhares sobre o mesmo fenómeno.

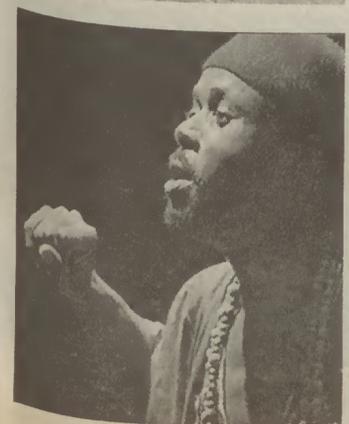
## Museu do Pau Preto Os africanos em Portugal

A peça de teatro Museu do Pau Preto é a primeira peça de teatro escrita, produzida e representada em Portugal por africanos e afrodescendentes, residentes no nosso país, onde formaram o grupo de teatro «Pau Preto/Regresso das Caravelas». O espectáculo retrata uma história dos dias de hoje, propondo uma reflexão sobre a presença dos africanos em Portugal, desde a sua chegada, em 1443. Escolhendo o Rossio como local de acção, as personagens falam das suas frustrações, dos seus sonhos, das suas desilusões e das esperanças que a cidade de Lisboa lhes trouxe e ainda traz. A encenação é Miguel Hurst, igualmente co-autor do texto em parceria com António Tomás. O elenco conta com os actores Félix Fontoura, Daniel Martinho, Zézé Hurst, Dalton Borralho, Carlos Correia, Miguel Hurst.



## de Almada Neruda

de superação do ritmo quotidiano que nos envolve. O que o texto de António Skármeta nos transmite é precisamente esse retorno à amizade, à poesia descoberta pelo contacto humano, ao calor de uma vida sem stress povoada por palavras e histórias de amor. O espectáculo é encenado por Joaquim Benite e conta com interpretação de André Gomes, no papel de Neruda, e de Nuno Simões, como Mário, para além de Teresa Caféira, Francisco Costa, Maria Frade e Miguel Martins.



Ao alto, o Grupo Cazum; em cima à direita, a Escola de Samba Bota no Rêgo, e a Banda Arrentelense



## Animação de rua

# Isto é que vai ser festa!

Na grande variedade de espectáculos, exposições e outras manifestações culturais, uma expressão artística tem vindo a ganhar peso na Festa – a animação de rua.

Do desfile das fanfarras e zés-pereiras, à animação circense e apontamentos teatrais, as avenidas e praças da Atalaia são o palco «interactivo» de actores e visitantes que aceitam a convenção de representar fora dos locais tradicionais. A espontaneidade e a imprevisibilidade das reacções a este espectáculo *sui generis*, em que o artista surge no espaço «reservado» ao público, criam a todo o momento situações novas para ambas as partes a que urge dar resposta. Para uns, a solução é alargar o passo e deixar o palhaço pobre para trás com o seu sorriso sempre triste. Outros resolvem aderir e apoiam a varina nos insultos que esta lança ao polícia de outros tempos, dificultando-lhe a perseguição de apito na boca. Outros ainda servem de maestro marcando o ritmo à banda que ali vem e já todos ouvem. Este ano, como revelaram ao «Avante!» Romeu do Rosário e Antónia Silvestre (que com Paula Xavier constituem o grupo de trabalho responsável pela organização da Animação de Rua na Festa), o objectivo foi alargar as intervenções nesta área, cujo êxito ficou amplamente demonstrado nas edições anteriores. O entusiasmo como que os visitantes têm aderido a estes espectáculos de rua é a grande retribuição que os grupos envolvidos recebem pela sua actuação, já que todos se disponibilizaram para ir à Festa sem qualquer contrapartida financeira, como referiu Romeu do Rosário: «Estes grupos, na sua maioria criados no seio de colectividades, aceitam ir à Festa apenas

pelo ambiente que ali se vive e pelo carinho que recebem do público.» Assim, logo na abertura, o tom festivo será dado pela Banda da Sociedade Filarmónica União Arrentelense e pelos Bombos de Viana do Castelo, que acompanharão da visita de Carlos Carvalhas ao Espaço Central. No domingo, os vários grupos de animação confluem à hora do Comício para a zona do Palco 25 de Abril, prometendo um momento de grande colorido, ritmo e festividade. Falamos em primeiro lugar da meia centena de jovens perussionistas do Tocá Rufar, que partem de vários pontos da Festa terminando no Palco do Comício da Fanfarra da Verdi (de Lisboa) e da Escola de Samba Bota no Rêgo (de Sesimbra). Durante os três dias estes agrupamentos circulam pela Festa, onde o visitante irá ainda encontrar o grupo de animação circense Cazum, bem como os já conhecidos «Pregões de Lisboa». No recinto estão igualmente duas dezenas de coros alentejanos: oito vêm de Beja, três de Évora, três do Litoral Alentejano e seis da Área Metropolitana de Lisboa. Ao todo serão várias centenas de pessoas que garantem a animação das praças, ruas e avenidas da Atalaia.



Em cima, os Pregões de Lisboa e em baixo a Fanfarra da Verdi





# O JULGAMENTO DO CHICO DO CACHENÉ

(Continuação da primeira coluna)

naquela tarde de Julho abrasadora, a que duas ventoinhas punham refrigerio.

O processo foi insaurado (escrito em rigorosa redondilha para o fado) pelo nosso fundador. Os depoimentos das testemunhas de acusação e defesa, estavam entregues aos artistas que ilustram estas páginas.

Eram 15 horas, quando deu entrada na sala de audiências o douto juiz Linhares Barbosa, que empunhando uma ridícula campanha de porta e envergando a respectiva toga, impôs silêncio, evocando que para badalar estava a sua campanha...

Foi recebido de pé por toda a assistência e imediatamente se entrou na função de ouvir os depoimentos prós e contras das já referidas testemunhas, que eram anotados à guitarra e à viola pelos oficiais de diligências António Henriques e Flávio Teixeira que, diga-se de verdade, diligenciaram por acompanhar bem o processo.

O «Chico» encontrava-se de pé, visivelmente impressionado, em frente à tribuna do magistrado, amparando-se cuidadosamente a «Tom».

Todas as versões ali foram expostas, não sem que os seus intérpretes deixassem de fazer juramento e obedecessem a outro tribunal.

«A testemunha Natália dos Anjos, que havia fornecido as galinhas para o banquete, fez derivar a matéria do julgamento para um auto-elogio ao fornecimento, o que lhe valeu uma querela.»



CHICO DO CACHENÉ

Foi, indiscutivelmente, uma brilhante tarde de castiço fado, aquela que no sábado, 28 de Julho último, passámos na Adega Machado (Barrete Verde), de que são proprietários o conhecido violista Armando Machado e sua esposa, a simpática cantora Maria de Lourdes.

Deu muito ao pitoresco festivo, o julgamento de um simples boneco — boneco este, que mercê da popularidade que à sua volta se tem feito, é já hoje, não só naquele aprazível estabelecimento onde se encontra exposto, mas também em todo o país, um dos pontos de encontro dos fadistas.

Deve-se ao extraordinário talento de D. Tomás de Melo, «Tom» e ao espírito sempre juvenil do nosso querido amigo João Linhares Barbosa, a aura tão típica deste boneco. O primeiro, como grande artista plástico que é, vestiu-o graciosamente e deu-lhe todo o movimento exterior; o segundo, deu-lhe o nome e a alcunha — criou-lhe ambiente.

Armando Machado entronizou-o, dando-lhe uma pianina num ângulo da sala de jantar. O resto, foi o selo público desta interessante manifestação fadista que o fez.

Pois... leitor, o «Chico do Cachene» foi o rei desta alegre festa. Rei e réu... porque o «Chico» foi julgado e a acusação que se fez sobre ele foi a de ter vivido à custa de uma mulher...

Crime punível dentro de todos os códigos. O julgamento, contudo, não durou mais de uma hora.



Maria de Lourdes

## É O FAIXA MAIS FADISTA

Depõe Maria de Lourdes

O «Chico do Cachene» tem sempre um grãozinho n'asa... é o faixa mais fadista que «habita» na minha casa! Com ele nunca houve tricas nem intrigas, nem sarilhos; gostam dele os meus dois filhos, tanto o Pipas como o Micas. Dizem que sabem quem é — E que ela passou o pé deixando quasi no esquite, num quarto do «Bairro Bife», O «Chico do Cachene».

Sempre mãos nas alforriças, sorriu sempre na «tata», na boca sempre a benta pra lhe dar «tics» às manieiras... Atrai-se às cantadeiras e já marcou entrevista a certa mulher bairstista que altas horas, aqui, se viu a cantar e a dançar.

É o faixa mais fadista!

Dizem que aquele chapéu, que o cachene e a tralha e que também a medalha foi a Micas que lhe deu. Des-que ela desapareceu, pra se atolar mais na vaza, no peito dele, uma brasa, abraza-lhe o coração!... Pobre faixa! Desde então, Tem sempre um grãozinho n'asa.

## Bêbado, batoteiro

Depõe Jacinto Pereira

Ele ganhava um quattrino... — Era sempre... Mas não...



Gabino Ferreira

## Boêmio, valente e artista

Depõe Gabino Ferreira

Vingava a honra ofendida, tinha uma alma altruista; antes do fado ser arte já o Chico era um artista. Certo amigo de Peniche, que ele julgava uma jóia, viu-o ele de terno com a Micas, em Carriche!... Vi-os, aguilhou-se fixe, mas não gostou do partido. Depois «pancou a atrevida e o amigo de má-fé. Era assim o Cachene! Vingava a honra ofendida.

Jogava o pau e a espada; em qualquer jogo era riço!... Uma tarde, em Montijo, em jogo de vira a pedreira, Em muita espera e toirada deixou a perder de vista muito forçado burlista... e, nos sectores da «canção», ainda não davam cartão já o Chico era um artista.

sempre a pedir emprestado, mas não era precisado; Ele ganhava um quattrino...



Fernando Farinha

## Confidências do Chico

Depõe Fernando Farinha

Certa vez... foi à noiteinha — O «Chico do Cachene» chamou-me e disse: — «Farinha «vou contar-te a vida minha «para saber»s como é: «Sem criado e mal fadado... «os meus... «por ele... «instruído e educado: «a instruído a andar no liceu, «chogue»

«Ao estudo tomei horror, «era para mim um suplicio. «Deixei aula e professor: «Fui pra aprendiz de impressor «para uma casa do officio.

«... que lhe valeu uma querela... «simples como uma dozeola... «fui a travessa do Pêgo, «vi a Micas... gostei dela.

«A casa não voltei mais. «Meus pais tiveram desgosto «Calcula: deixei meus pais «apreso nos olhos fatis... «que a Mica»



João Linhares Barbosa (o Juiz)

## «Leis do Fado não se mudam...»

(Bocage)

Sentença

O «Chico do Cachene» todos sabem quem é: um boneco inocente, sem gestos, sem atitudes, sem gestos, sem virtudes, sem boneco, simplesmente...

Opêtilo e modelado pra nossa imaginação em livro da fantasia, em «passado», em «passado de Tradição», em «Sonho e de Poesia.

«... que lhe valeu uma querela... «simples como uma dozeola... «fui a travessa do Pêgo, «vi a Micas... gostei dela.

«A casa não voltei mais. «Meus pais tiveram desgosto «Calcula: deixei meus pais «apreso nos olhos fatis... «que a Mica»



Maria de Castro

## As más companhias

Depõe Maria Castro

O Chico fez tropelias e deu aborrecimentos, só devido às companhias e não aos seus sentimentos.

Cantava o fado, era faia, bebia, jogava à shapa mas sempre vestia capa pelo circo da Atalaia. A Micas era da laia dos que fazem judarias: uma vez andou dez dias afastado do cortijo: como não costava disso O Chico fez tropelias.

Certa vez que o Chico foi às toirinhas em Palmela, era ouvir o ditado...



Natália dos Anjos

## A Micas era uma jóia

Depõe Natália dos Anjos

Todos cantam a odisséia do Chico, com simpatia, mas ninguém diz que, ao velhaco, quando estava na cadeia, era a Micas quem lá ia levar onças de tabaco!...

Não vivia à custa dela, não fazia dela escrava... louvo-lhe esses sentimentos. Mas muita, muita farpela... era a Micas que a era...



QUINZENARIO — Fundador: JOÃO LINHARES BARBOSA. Director: MÁRIO RIBEIRO — Editor e Redactor principal: JOÃO DA MATA. Federação e Administração: Rua Ferreira Borges, 68 — Telefone 6-293 — LISBOA. Inscricao grafica — Sociedade tipografica A Mundial Lda — Proprietario e Administrador: FRANCISCO COSTA. ANO XXIV N.º 5 — (II Serie)

CARMENCITA — Admito todas as expressões que se fadista...

## «Guitarra de Portugal» conta espectáculo

O número 5 da II série do jornal «Guitarra de Portugal», editado a 15 de Agosto de 1945, incluía uma reportagem sobre o «Julgamento do Chico do Cachene», realizado alguns dias antes. A primeira página é ilustrada com uma fotografia da cantadeira Natália dos Anjos, acompanhada por um texto sobre a sua carreira. Ao lado, «Carmencita», poema de Frederico de Brito, do repertório de Amália Rodrigues, diligenciaram por acompanhar bem o processo.

Em baixo lê-se, a letras vermelhas: «Nas páginas centrais o sensacional Julgamento do Chico do Cachene.» Em seguida, reproduzimos excertos dessa reportagem.

«O «Chico do Cachene» foi o rei desta alegre festa. Rei e réu, porque o «Chico» foi julgado e a acusação que se fez sobre ele foi a de ter vivido à custa de uma mulher... Crime punível dentro de todos os códigos. O julgamento, que foi acompanhado dum lauto repasto, chamou a atenção de quasi toda a clientela da Adega Machado, onde se improvisou um pitoresco tribunal, e verificámos que mais de oitenta pessoas, entre elas individualidades conhecidas e cotadas no nosso meio mundano, nas letras, nas artes e nas ciências; personagens de destaque na industria, comércio, no foro, nas finanças, no jornalismo e até na diplomacia. Oitenta estômagos ávidos do lauto almôço, oitenta corações apaixonados de saberem o que se iria passar naquela tarde de Julho abrasadora, a que duas ventoinhas punham refrigerio. (...) Eram 15 horas, quando deu entrada na «sala de audiências» o douto juiz Linhares Barbosa, que empunhando uma ridícula



Grandes figuras do fado na Adega «O Faia»: da esquerda para a direita, Martinho da Assunção Jr., Alberto Costa, Amália Rodrigues, João Linhares Barbosa, Berta Cardoso e Francisco Carvalhinho (Arquivo da Casa do Fado e da Guitarra Portuguesa)



N.º «O Faia», Linhares Barbosa, Berta Cardoso e Alfredo Marceneiro (Arquivo da Casa do Fado e da Guitarra Portuguesa)



Ano 2000, no Festival das Músicas e dos Portos, o «julgamento» com as novas estrelas do fado

# Ah, fadista!

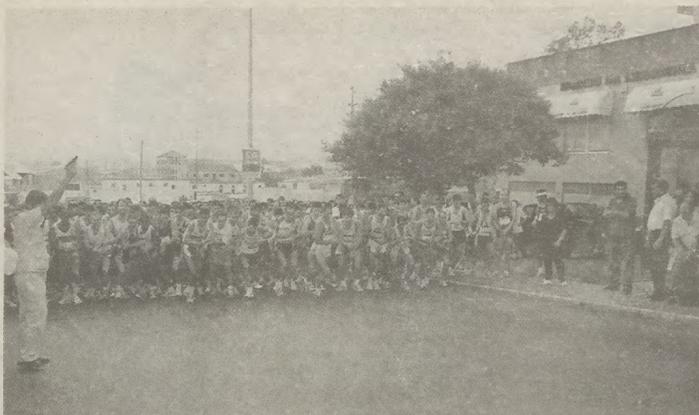
Cinquenta anos após a sua estreia, a Festa do «Avante!» apresenta o «Julgamento do Chico do Cachene», «auto poético-fadista» de 1945, que se baseia na história de um fadista acusado de viver à custa de uma mulher. As intervenções do narrador, do juiz, das testemunhas e dos advogados são exclusivamente feitas em verso, em fados da autoria de Linhares Barbosa. Um espectáculo único, histórico e muito divertido.

«No dia 25 de Maio, no «Tribunal do Fado», Cervejaria Luso, Palácio de S. Roque, Travessa da Queimada, ao Bairro Alto, realiza-se o julgamento do Chico do Cachene, fadista da velha guarda que se diz aparentado em afastadíssimo grau com o conhecido artista plástico «Tom» e com o poeta do fado Linhares Barbosa. O arguido que é acusado de viver à margem do bom senso, foi ultimamente capturado na Adega Machado, estabelecimento donde é frequentador assíduo, e onde todas as noites se embriaga.» É com estas palavras que se anuncia o espectáculo do «Julgamento do Chico do Cachene», em «estreia para o grande público», num cartaz de 1948, três anos depois da primeira apresentação do «auto poético-fadista». Mas, quem é o «Chico do Cachene»? O Chico, acusado de ter

vidido à custa de uma mulher, é o réu de um peculiar julgamento, onde testemunhas e juiz se expressam através de fados, seja para defender ou acusar, para lembrar histórias antigas ou pedir indulgência. João Linhares Barbosa é o autor do projecto. A ideia surgiu em 1945, no Bairro Alto, em Lisboa, quando um grupo de amigos se encontrou com um ferro-velho ambulante. O pintor Tomás José de Melo, conhecido por «Tom», encontrou, entre outros «trastes», um boneco de madeira de 50 centímetros de altura e resolveu comprá-lo, apesar dos comentários de gozo dos companheiros. Como conta o jornal «Guitarra de Portugal», dias mais tarde Tom apareceu novamente com o boneco, desta vez vestido à «faia» do Bairro Alto: calças à boca de sino, chapéu de oleado, bota «afiabrada», jaqueta, madeixa preta e «cachene», o lenço de pescoço que Alfredo Marceneiro tornou célebre. Armando Machado, dono da Adega Machado, adoptou-o e colocou-o numa peanha na sua casa. Linhares Barbosa baptizou-o de «Chico do Cachene» e transformou-o mais tarde em

personagem mítica do mundo fadista quando decidiu criar em torno dele um «auto poético-fadista». Espectáculo único O Chico era acusado de não ter profissão, de não trabalhar, de viver desregada e ociosamente no seu pedestal e de se manter à custa de uma mulher, a «Micas». Linhares Barbosa criou seis tipos de personagens — um narrador, um juiz, testemunhas de acusação, testemunhas de defesa e oficiais de diligência, neste caso, o guitarra e o viola — e para todos escreveu intervenções em verso: acusação, depoimentos da defesa e da acusação, intervenções do juiz e sentença final. A função foi estreado a 28 de Julho desse ano, na Adega Machado, perante uma audiência de oitenta convidados, entre os quais se contava a fina flor da vida boémia de Lisboa. Linhares Barbosa assumiu o «juiz», acompanhado pelos «oficiais de diligências» António Henriques à guitarra e Flávio Teixeira à viola. Maria

de Lourdes Machado, Fernando Farinha, Natália dos Anjos, Maria de Castro, Gabino Ferreira e Jacinto Pereira interpretaram as «testemunhas». O espectáculo foi um sucesso, repetido apenas em 1948, na Cervejaria Luso, e em Fevereiro de 2000, no 1.º Festival das Músicas e dos Portos, promovido pela Câmara Municipal de Lisboa e pela Associação de Turismo de Lisboa. A reconstituição do «auto» é da responsabilidade de José Manuel Osório e contou com a colaboração de Francisco Mendes e Julieta de Castro. A Festa do «Avante!» apresenta pela quarta vez o «julgamento», com os fadistas Maria Amélia Proença, Julieta Estrela, Alice Pimentel, António Rocha, Helder Moutinho, Filipe Duarte e Daniel Gouveia, acompanhados por Carlos Fontes, João Chitas, Luís Costa e Pedro Morato. E, como se lê no anúncio do espectáculo de 1948, «espera-se, dada a popularidade do Chico, que a sala de audiências seja pequena para conter todas as pessoas ávidas de assistirem a tão retumbante julgamento.»



## As virtudes da corrida

• Manuel Martins\*

«Saúde é um estado de equilíbrio e completo bem-estar físico, mental e social e não a simples evidência de doença ou deformidade.» É assim que a Organização Mundial de Saúde define o conceito de Saúde.

Podemos comparar o exercício a um duche frio. Custa a entrar nele e uma vez lá dentro é extremamente doloroso suportá-lo. Mas depois de algum tempo sob o seu efeito eis-nos que obtemos dele o maior prazer e revitalização. Evidentemente que há várias formas lúdicas de se fazer exercício, desde passeios a pé pelo campo, até aos actuais superequipados ginásios, passando pelos desportos de equipa ou individuais.

Aqui vou referir-me à tão falada corrida para todos, o «jogging», o «tooting», o «cooper», o «endurance», entre os inúmeros termos que por esse mundo fora são utilizados, que actualmente conta com a adesão de milhões de pessoas com um leque etário extraordinariamente alargado e que felizmente em Portugal, desde há cerca de 20 anos para cá, tantos adeptos tem conquistado e continua a conquistar diariamente.

Alguma vez alguém imaginou haver em Portugal uma prova de atletismo com a participação de milhares de entusiastas atletas, onde se podem encontrar desde os de alto nível até aos actuais recuperados do sedentarismo (conhecidos no «meio» como os «coxos»), onde a idade e o sexo são indiferentemente olhados, e onde para a grande maioria o que interessa é tão-somente chegar ao fim. Correr é, para além de tudo o mais, uma actividade física que não exige técnicas especiais, equipamentos sofisticados (a não ser um bom par de sapatos para corrida), que permite que cada um o faça quando e onde tiver vontade, sem estar dependente de outros. Há no entanto que saber como começar e tomar contacto com os principais cuidados a ter no início.

### Cuidados a ter

Por princípio ninguém deve iniciar qualquer actividade física após uma longa paragem sem antes consultar um médico para que lhe faça um «check up». O seu médico assistente é a pessoa indicada para lhe fazer esses exames e que no caso do candidato ter mais de trinta anos deverá incluir um electrocardiograma com prova de esforço para despiste de eventual patologia cardíaca existente. Depois há que procurar o equipamento, o local, o horário e, por que não?, o treinador.

Quanto ao equipamento, calções e camisola, meias, um fato de treino (largo de preferência) e uns sapatos são o essencial. Estes devem ser sempre um número acima do que se calça normalmente, pois, devo lembrar que, quando se corre os pés vão aumentar de volume e seria um incomodo correr com os pés apertados. Também devem ter ao nível do calcanhar uma sola com pelo menos dois centímetros de altura para poder proteger a estrutura tendinosa que se segue ao calcanhar e que com certeza já tantas vezes ouviu falar, o Tendão de Aquiles. Procurar ver sempre a densidade do material que constitui a sola dos sapatos, pois quanto mais macia ela for mais amortecerá as pancadas do corpo (através dos pés) no solo.

Nos treinos devemos vestir-nos de acordo com as condições climáticas. Treinar em fato de treino num dia de calor só ajuda a encontrar problemas e fazê-lo em tronco nu num dia de inverno rigoroso é procurar uma valente gripe.

Quanto ao local e ao horário aqui temos outra das vantagens em relação a qualquer outra actividade

desportiva. Qualquer parque, jardim, terreno, pinhal para além da estrada ou até um estádio desportivo, servem para praticar a corrida a pé. Devemos procurar locais pouco poluídos, (o que cada vez mais é difícil), e sem declives ou se os tiver, pouco acentuados, e de preferência que sejam frequentados por outros praticantes e sobretudo onde nos sintamos bem.

### Sem exageros

Perguntar-me-á agora o leitor mais avisado: e então depois de tudo isto começo a correr e quando sei se estou a fazer mal ou bem ao meu organismo? Quanto tempo devo correr? Que cuidados especiais devo ter? Aqui está uma boa razão para ter necessidade de se aproximar de um orientador habilitado.

De início a melhor forma de saber se está a correr sem esforço anormal é falar com os seus companheiros ou cantarolar uma canção quando está sozinho. Quando começar a acontecer que o esforço despendido está a ser exagerado, então começará a ter dificuldade em falar ou cantar, e a solução é baixar o ritmo da sua corrida ou mesmo andar durante alguns metros. Há uma outra forma de se controlar com a tomada do seu próprio pulso e verificar se o número de pulsações em quinze segundos não ultrapassa as trinta e cinco. Mas a princípio não se preocupe muito com este pequeno (grande) pormenor. Quanto ao tempo que deverá correr depende do número de vezes que dispõe para praticar por semana mas nunca mais de 20 minutos nas primeiras semanas.

Em princípio nunca deverá fazer menos de três vezes por semana pois de contrário será difícil de ultrapassar a fase de entrada no duche e impossível sentir os benefícios dele tirados. Não se esqueça que um pouco de ginástica deve acompanhar os seus treinos, isto é muito importante e continua a ser uma das grandes faltas dos praticantes de corrida.

### Alimentação correcta

Da alimentação apenas lhe recordo que quando fazemos qualquer esforço despendemos energia e que essa mesma energia é fornecida pelos hidratos de carbono e não pela carne ou peixe que comemos cujas quantidades não devem ultrapassar os 200 gramas diários. As vitaminas são praticamente desnecessárias se tivermos hábitos alimentares correctos onde não faltem os frutos e os vegetais crus. Deve ter-se a preocupação de beber muitos líquidos (de preferência água e nunca menos de dois litros por dia). É que um corpo desidratado é muito mais atrito a lesões músculo-tendinosas do que se estiver normalmente hidratado. E quando há pouco dizia que não se devia treinar em fato de treino num dia de Verão é precisamente pela desidratação que esses treinos provocam e a conseqüente vinda das indesejáveis lesões por falta de líquidos. Haverá um dia, que não estará muito longe, que este assunto já não terá interesse para si porque então será um dos muitos numa das partidas da Corrida da Festa do «Avante!».

\* Chefe de Serviço de Fisioterapia do Hospital Santa Maria. Especialista em Medicina Desportiva e Fisioterapia pela Ordem dos Médicos. Atleta com 125 meias maratonas e 14 maratonas concluídas. Actualmente prepara-se para a próxima maratona de Lisboa como veterano 3.



## Eles apoiam a corrida

### Rita Magrinho

Vereadora do Desporto da CM de Lisboa

«Ao transmitir a minha saudação a todos quantos intervêm na Corrida da Festa do «Avante!», organizada consecutivamente desde há 13 anos, dirijo-me, em primeiro lugar, ao jornal «Avante!» para o saudar, muito especialmente pela valiosa organização cultural, social e política que é esta Festa, e pelo seu contributo para uma sociedade mais digna e fraterna. Saúdo igualmente os organizadores e apoiantes da corrida, pela perseverança com que têm levado a efeito esta realização. E na edição de 2000, que tem lugar numa data muito próxima da realização, em Sidney, dos Jogos Olímpicos, importa referir que em Setembro, na Austrália, como aqui na Quinta da Atalaia, Seixal, se pratica e se defende um desporto sem fronteiras, sem discriminações políticas, ideológicas, religiosas ou sociais, e se procura a integração dos praticantes de ambos os sexos e de vários níveis de participação. Saúdo, de forma particular,



voluntária, a determinação de utilizarem o desporto como processo de melhoria das vossas condições de vida, a defesa da prática desportiva aberta e desinteressada, concretizada pela vossa presença, merece todo o meu apreço e homenagem. Para todos, boa corrida e uma boa época desportiva 2000-2001.»

### Carlos Rabaçal

Membro do CC do PCP

«A Corrida da Festa do «Avante!» afirma-se como uma organização desportiva que procura valorizar culturalmente quer os praticantes quer a própria Festa. Ela pretende constituir uma festa dentro da grande Festa, procurando-se que não dê lugar a comportamentos que não freguentemente se encontram em tantas organizações desportivas. É esta preocupação em afirmar a rejeição de atitudes marcadamente antidesportivas e a convicção de que se pode competir sadia e correctamente que constitui a originalidade da Corrida da Festa.



### Luís Horta

Ex-atleta olímpico, responsável do Centro de Medicina Desportiva, Médico de Nutrição do Sport Lisboa e Benfica



«A Corrida da Festa do «Avante!» já é um acontecimento que faz parte da agenda da maioria dos praticantes de corrida de fundo em Portugal. A sua 13.ª edição voltará a contribuir para a divulgação da corrida como forma de promoção da saúde e do bem estar dos portugueses.»

### António Manuel Fernandes

Director da revista «Atletismo»

«Acompanhamos a Corrida da Festa do «Avante!» desde a sua primeira edição, ainda em Loures. Ano após ano, verificámos a sua sedimentação e a mais-valia que veio dar ao movimento da corrida popular em Portugal. Continuamos a constatar com agrado que o verdadeiro espírito do desporto para todos ainda prevalece na mente de quantos mantêm de pé esta iniciativa. Daí o agrado com que várias centenas de praticantes, desde os mais conhecidos aos mais anónimos, se passeiem na Corrida da Festa do «Avante!» que percorre algumas das zonas ribeirinhas mais bonitas e atractivas da margem sul. Resumindo: uma prova tão popular só pode mesmo acontecer no seio de uma iniciativa de grande riqueza cultural que aproxima todos os portugueses - a Festa do «Avante!».»



### Cipriano Lucas

Jornalista do DN, ex-atleta do Oeiras, Marítimo, Belenenses e Maratona

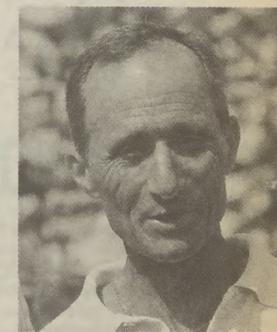
«Particpei em quase todas as edições da Corrida da Festa. Houve anos (muitos!) em que estive à partida, na frente, para discutir os primeiros lugares. Nunca venci... Os adversários foram sempre melhores que eu, e pronto, nada a fazer! Os anos passaram e as minhas classificações foram sempre piorando. Mas aquela data foi ficando sempre reservada na minha agenda. Todos os anos, o prazer pela Corrida da Festa foi aumentando. Cada vez mais para trás, comecei a ter mais tempo para apreciar a paisagem e outras coisas. Para conversar. Para respirar. «A Festa», que é a própria corrida, sempre foi feita de muitos encontros, muitas amizades. Todos os anos marcado para a mesma data, na mesma bafa. Nas últimas edições, convidei sempre mais um amigo para participar na Corrida da Festa. Agora faço questão de partir nos últimos lugares, para não «atrapalhar» os mais rápidos... melhor, para ninguém reparar nos quilos a mais, é aí que me sinto bem.»



### Fernando Tavares

Técnico da CM do Seixal

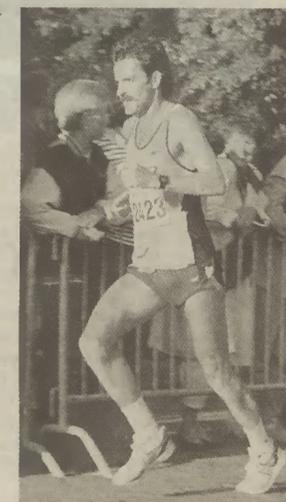
«Nunca é de mais afirmar que esta é a corrida que marca o regresso após as férias. Neste momento com a conquista do espaço da Festa, através da chegada directamente no seu interior, podemos festejar a chegada de todos aqueles que, independentemente do seu nível de prestação desportiva, completam os 14 quilómetros desta 13.ª edição da Corrida da Festa. Esta foi uma vitória importante, assumir que o desporto tem lugar numa iniciativa



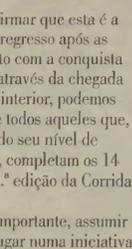
### Armando Aldegalega

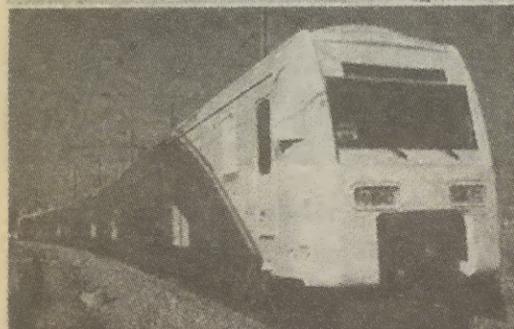
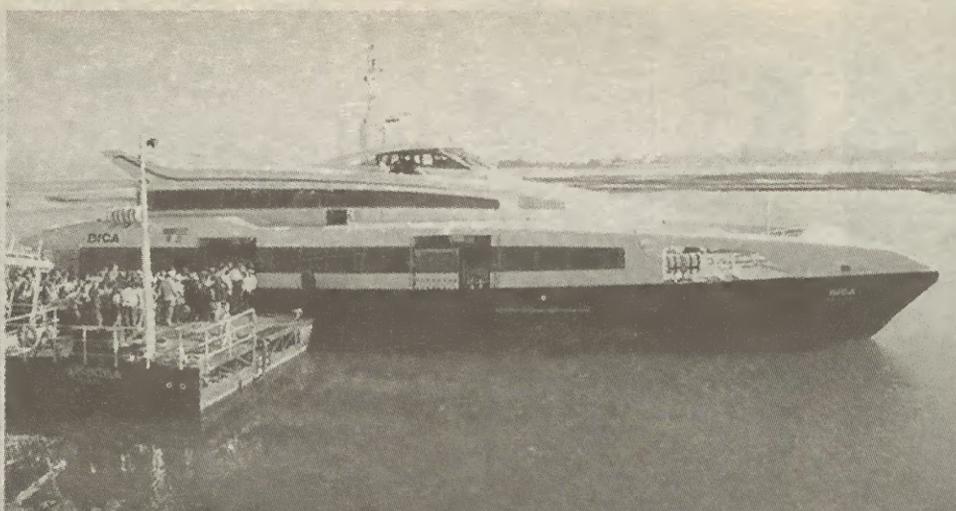
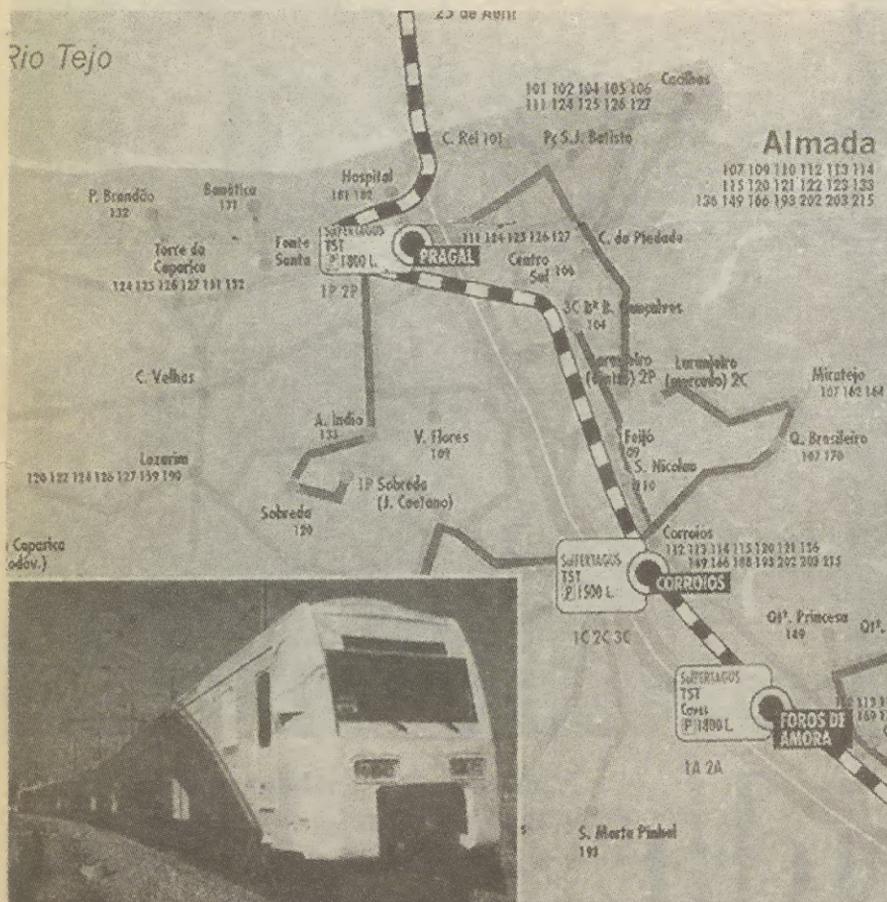
Atleta do Sporting desde 1956

«É com prazer que voltarei a integrar a Corrida da Festa do «Avante!». Estou certo que ela constitui um ponto de referência na promoção e desenvolvimento da prática da educação física e desportiva. Nos dias que correm é bastante salutar a forma e o ambiente da Festa, de alegria e amizade, que ao longo das 12 últimas edições ela tem conseguido proporcionar. Neste ano dos Jogos Olímpicos, faço votos para que todos, independentemente da sua idade e sexo, para os que não praticam actividades físicas, depois de um exame médico-desportivo iniciem uma qualquer actividade. Experimentem e sintam como eu o prazer de praticar actividade física e desportiva. Lá estarei na linha de partida.»



cultural de tão grande importância e lugar no seu epicentro. Bom seria que ninguém se esquecesse da importância humana e social do desporto, na afirmação do homem novo, de um homem novo solidário, cooperativo, integrado, humanizado e fraterno. Pela minha parte lá estarei mais uma vez, não como atleta mas como um dos que dentro de uma equipa possibilitam essa participação. A todos os que regressam à Corrida, boa Festa.»





# De comboio é mais fácil ir à festa

A ligação ferroviária entre Foros da Amora e Entrecampos e vice-versa vai ser reforçada nos dias da Festa, constituindo uma ótima opção para os visitantes da Festa que residem em Lisboa. Na **sexta-feira**, as composições circulam de 15 em 15 minutos até às 20.50 horas; de 30 em 30 minutos até às 00.50 horas; e de hora em hora até às 03.00 horas.

No **sábado**, a frequência é de 15 minutos até às 19.50 horas; de 30 em 30 minutos, até às 00.50 horas; e de hora em hora até às 03.00 horas. No **domingo**, há comboios de 15 em 15 minutos até às 19.50 horas, e de 30 em 30 minutos até às 00.50 horas. O preço do bilhete normal é de 390 escudos; o pré-comprado com cinco idas e cinco voltas,

3100 escudos; e o bilhete de criança, reformados, ou com mais de 65 anos, de 190 escudos.

### Autocarro gratuito

Durante os três dias da Festa, cada bilhete dá direito à ligação gratuita, entre a

estação ferroviária e a Festa, nos autocarros da Sul Fertagus. Na Estação de Foros da Amora haverá uma espaço devidamente identificado em qual a organização da Festa do «Avante!» distribuirá os respectivos bilhetes.

### Rectificação

Na última edição, nas páginas dedicadas à Festa do Avante!, saíram duas «gralhas» que importa rectificar e pelas quais pedimos desculpas aos nossos leitores e aos visados. A primeira é relativa ao nome do autor do projecto vencedor da Arte de Transformar nas artes bidimensionais, cujo nome correcto é **Jorge Figueira**. Ainda nesta página, um outro erro alterou o nome do projecto apresentado por Patrícia de Almeida, cuja designação correcta é **Acorda**, constituindo uma criação colectiva de dez artistas da Faculdade de Belas-Artes do Porto.



## Juventude para a Atalaia

Com o lema «Em festa para a Festa» mais uma vez a JCP organiza um comboio para a festa do «Avante!». O percurso tem início na cidade do Porto (10.00 h) e segue para Gaia (10.06h), Espinho (10.18 h), Ovar (10.30h), Aveiro (10.48 h), Coimbra (11.24 h), Entroncamento (12.28 h), Santarém (12.47 h) e chega à estação de Entrecampos, Lisboa (13.47 h). Depois

segue-se para o Comboio da Ponte 25 de Abril até à estação de Foros da Amora, onde os autocarros organizados asseguram a ligação até à Quinta da Atalaia, Festa do «Avante!». Agora já sabem, é só adquirir os bilhetes nos Centros de Trabalho do PCP/JCP e juntarem-se ao Comboio da Juventude e irem em festa até à Festa.



**FESTA Avante! 2000**  
SEXTA-FEIRA

**FESTA Avante! 2000**  
SÁBADO

**FESTA Avante! 2000**  
DOMINGO

**1 2 3**

TÍTULO DE SOLIDARIEDADE

FES 123 SE

«Movimento dos Sem Terra»  
lança manifesto

# Contra a corrupção e o garrote da dívida externa

Reunido em Congresso Nacional, o «Movimento dos Sem Terra» (MST) aprovou um manifesto no qual é feito um apelo ao povo para que «se levante, se organize e vá para as ruas lutar pelos seus direitos».

Nos trabalhos, que se prolongaram durante toda a passada semana, em Brasília, participaram 12 mil dirigentes da organização provenientes de todo o país, bem como diversas personalidades nacionais e internacionais de esquerda, entre as quais uma filha de Ernesto Che Guevara. No manifesto do Congresso aprovado pelos camponeses do MST solicitam-se que sejam investigadas as denúncias de casos de corrupção no governo do presidente Fernando Henrique Cardoso, sendo defendida, por outro lado, a realização de um plebiscito para que o Brasil deixe de pagar a sua dívida externa, entre outras reivindicações.

O líder do MST, João Pedro Stédile, anunciou que a sua organização aumentará as acções no sentido de exigir o uso e posse da terra pelos camponeses pobres e intensificará as manifestações nas cidades e as alianças com outras organizações populares e ecologistas. Por si reiterada foi também a oposição às plantações de produtos geneticamente modificados, como é o caso da soja transgénica, e, bem assim, à sua importação, em relação à qual sublinhou a determinação do Movimento

em impedir os respectivos desembarques no país.

## Consulta popular

Entretanto, a Igreja Católica brasileira, com o apoio de cerca de cinquenta organizações sociais, realizará em Setembro um referendo sobre o pagamento da dívida externa do Brasil.

**O MST quer intensificar as acções no sentido de exigir o uso e posse da terra pelos camponeses pobres**

Segundo a Conferência Nacional de Bispos do Brasil (CNBB), promotora da campanha, a consulta popular não tem carácter vinculativo e será efectuada de 2 a 7 de Setembro em todo o país com três perguntas sobre a política económica do governo. Saber se o Brasil «deve manter os acordos firmados» com o Fundo Monetário Internacional, se deve «continuar a pagar a dívida externa», e se está de acordo «com o aumento da dívida interna para satisfazer os especuladores», constituem, no fundamental, o teor das três questões a submeter ao povo brasileiro, segundo um assessor da CNBB, o sacerdote Alfredo Gonçalves. Para este, o aspecto mais importante da iniciativa é «despertar a consciência da população sobre as consequências do

endividamento interno e externo, que só piora as condições de vida das pessoas».

A consulta será efectuada em igrejas, sindicatos, sedes de organizações populares, estações de metropolitano e de autocarros e «em qualquer local público onde haja pelo menos duas pessoas que possam garantir a transparência da votação», adiantou. Para esta campanha, a CNBB conseguiu o apoio dos sindicatos, de quatro partidos de esquerda, do Movimento dos Sem Terra (MST), da Confederação Nacional de Trabalhadores da Agricultura (Contag) e do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (Conig), entre outras organizações.

«Em Maio, a dívida externa do Brasil era de 231.346 milhões de dólares, o que equivale a 30 por cento do nosso Produto Interno Bruto (PIB) e a 366 por cento das nossas exportações, o que explica a queda de rendimento do brasileiro de 7,1 por cento em dez anos», sublinha, por sua vez, um documento da organização episcopal sobre a consulta popular.

No mesmo texto pode ainda ler-se que, segundo o Banco Mundial, o endividamento externo do Brasil é pior em termos percentuais do que o de países como o Camboja, o Haiti, o Ruanda, a Rússia e a República Democrática do Congo.

A campanha contra o pagamento da dívida externa também será o tema central da realização no ano em curso do «Grito dos Excluídos», uma manifestação com a qual a CNBB celebrará o 7 de Setembro, Dia da Pátria.

## Estado palestino é condição para a paz

A Liga árabe advertiu que não haverá paz justa e duradoura no Médio Oriente enquanto não for criado um estado palestino independente, com capital em Jerusalém oriental, anexada por Israel em 1967.

«Para os árabes, Jerusalém é uma linha vermelha que não pode ser atravessada», diz-se no discurso do secretário-geral da Liga, Esmat Abdel Meguid, lido no passado domingo pelo seu assessor para a Documentação e Informações, numa conferência promovida pela Federação árabe de bibliotecas.

Sublinhando que o futuro de Jerusalém «não interessa apenas aos palestinianos mas igualmente a todos os muçulmanos e cristãos», Meguid considerou «impossível renunciar» à «cidade santa», «sejam

quais forem as pressões e os desafios». Por seu lado, o embaixador palestiniano junto da Liga, Mohamed Sobeih, que falou em nome do presidente Yasser Arafat, pediu aos Estados Unidos que prossigam, «de forma imparcial», os seus esforços pela obtenção da paz no Médio Oriente.

Aquele diplomata reiterou a ideia de que «a paz justa e global não será alcançada sem a criação de um estado palestiniano na Cisjordânia e em Gaza, com capital em Jerusalém, e sem o regresso dos refugiados e deslocados».

As divergências em torno de Jerusalém, que os israelitas encaram como a sua capital «eterna e indivisível», recorda-se, foram a causa principal do falhanço da cimeira que reuniu em Camp David, entre os dias 11 e 25 de Julho, o pri-

meiro-ministro israelita, Ehud Barak, e o presidente palestiniano, Yasser Arafat.

Também o presidente egípcio, Hosni Mubarak, numa entrevista publicada no passado dia 12, alertou para o risco de eclodir de novo a violência e de ressurgir o terrorismo, no caso de haver concessões palestinianas sobre Jerusalém.

«Eu disse ao primeiro-ministro israelita, Ehud Barak, que esta é a etapa mais perigosa e mais difícil das negociações», assinalou Mubarak, em declarações ao semanário egípcio «Rose al-Yussef». «Qualquer concessão sobre Jerusalém fará explodir a situação de um modo que ninguém poderá controlar», observou, advertindo que «o terrorismo reaparecerá e poderá justificar estas acções».

## Educar o governo

• Sandra Pimenta

**A** gosto, mês de férias escolares por excelência. Mas nem por isso os problemas da educação deixam de ser uma constante preocupação.

Desta vez, são as despesas e os investimentos de cada Estado-membro da União Europeia (UE) com a educação, o motivo desta breve reflexão.

Segundo um estudo do gabinete de estatística (Eurostat) da UE, a despesa necessária referente a um estudante do ensino superior terá que ser duas vezes superior à efectuada com um aluno do ensino primário, no âmbito dos países da UE.



O custo de um aluno do ensino superior nos estabelecimentos públicos dos 15 Estados-membros da UE é, em média, 40% superior ao de um estudante do ensino secundário.

De acordo com dados referentes a 1999, divulgados pelo Eurostat, estas diferenças de investimento, segundo o estudo, relacionam-se com a própria estrutura de ensino (número de alunos inscritos em cada nível de ensino) e ainda com as políticas educativas de cada Estado-membro no que toca à remuneração dos docentes.

### Portugal sempre por baixo

Os países que maior percentagem de gastos detêm com o ensino superior são, segundo os dados comunitários, a Suécia, a Holanda e a Áustria enquanto, no outro extremo da tabela, estão países como Portugal, a Grécia, Espanha e Itália. Os dados do Eurostat, embora indiquem grandes diferenças entre os vários Estados-membros ao nível das despesas efectuadas com educação revelam uma certa homogeneidade no que respeita ao ensino primário.

Mas mesmo assim, há ainda a registar os países que menos investiram nesta área, casos da Irlanda, da Dinamarca, da Áustria e da Suécia.

Portugal mais uma vez ocupa uma das mais baixas posições na UE, revelando-se assim, um dos países que menos investe no ensino primário. O que é rapidamente comprovado, face aos números actuais da educação primária no nosso país. A começar pela grande disparidade professores/alunos (chegam muitas das vezes a ser 30 alunos para um professor), à falta constante de materiais, à ausência de infra-estruturas mínimas, entre muitas outras. No ensino secundário, o investimento por aluno regista uma percentagem muito baixa na Grécia, país que ocupa o último lugar na tabela, seguindo-se a Irlanda enquanto no outro extremo e com maior percentagem de investimentos estão países como o Luxemburgo, a Áustria, a Dinamarca e a França.

Portugal ocupa mais uma vez um dos últimos lugares da tabela, situando-se no 13.º lugar, relativos ao nível de investimentos no ensino secundário. Ainda segundo o mesmo estudo do Eurostat, as estatísticas das despesas por aluno em cada Estado-membro constituem uma informação de base importante porque fornece aos decisores políticos indicações úteis para as escolhas orçamentais permitindo ainda definir novas prioridades educativas e estabelecer comparações entre países.

Podemos assim concluir que o investimento feito na educação pelo governo português é muito baixo, o que obriga os estudantes a realizarem um investimento muito elevado, o que se torna muitas das vezes incomportável para as famílias dos alunos e para os próprios estudantes que face a despesas tão elevadas se vêem muitas vezes na obrigação de abandonarem os estudos. Podemos concluir, também, que o governo português ainda não tomou conhecimento deste mais recente estudo, uma vez que até agora as medidas tomadas nesta área foram nulas!

### Descentralizar é preciso - diz o sr. ministro

Os resultados deste estudo são conhecidos na mesma altura em que o ministro da Educação se afirmou como «um militante da descentralização e da afirmação do poder local...», defendendo, assim, uma transferência de competências para as autarquias, ou seja, uma descentralização de responsabilidades para as autarquias locais.

Até aqui, pouco ou até mesmo nada a apontar, mas o que fica para a história são os reais objectivos desta medida. Não aqueles que dizem que «esta é uma medida essencial para alcançar um objectivo comum de mais e melhor cidadania e de mais e melhor educação», mas sim aqueles que visam essencialmente uma desresponsabilização do governo em relação à educação e ao deficitário investimento nesta área. Ainda não há muito tempo era frequente ouvirmos um senhor que hoje é Primeiro-Ministro de Portugal afirmar que a grande paixão e o grande investimento da sua política iria ser a educação. Onde está esse tão apaixonado trabalho? Onde estão as tão práticas e eficazes medidas prometidas? Nós continuamos à espera!

• Fernanda Vicente



Incapazes de avaliar com objectividade as causas que concorrem para o aumento da criminalidade e da insegurança um tanto generalizada que se tem verificado ultimamente, tem sido cómodo para alguns órgãos de comunicação social tentar encontrar na imigração africana o bode expiatório para a situação de instabilidade que se tem vivido no país.

# Imigrantes ou descartáveis?

Desde quando a criminalidade tem cor, raça, nacionalidade, religião ou origem étnica? Desde quando é que a segurança ou a insegurança, em Portugal ou em qualquer outro país, se resolveu desenterrando atitudes xenófobas e racistas, capazes de gerar ainda mais descontentamentos e um maior empolamento das causas geradoras de instabilidade e insegurança?

Então, o que se passa?

Como todos podemos comprovar, as questões ligadas à segurança, à insegurança e ao aumento da criminalidade estiveram, e ainda estão, na praça pública, mexidas e remexidas até se converterem num acontecimento nacional. Até aqui, não houve um único jornal que não fizesse grandes manchetes a propósito dos últimos assaltos, não houve rádio nem televisão que não abrisse o seu bloco informativo à pala do aumento da criminalidade, muitos deles atirando as setas à imigração de origem africana.

Entretanto, o que fazia o Governo?

O Governo, ao invés de tomar medidas sérias, honestas e responsáveis contra este estado de coisas, aproveitava toda a onda empolada de descontentamento e revolta contra os imigrantes e as comunidades africanas para, em conluio com a extrema-direita parlamentar, "cozinhar" uma legislação fortemente lesiva dos direitos desses mesmos imigrantes.

Assim, o cenário estava montado, as condições criadas e os dados lançados.

Sendo já do conhecimento público que serão necessários uma média de 30.000 novos imigrantes por ano para colmatar a falta de mão-de-obra activa até 2025 – para já não falar em dados europeus – o certo é que o Governo, ao invés de apresentar um projecto de revisão à Lei dos estrangeiros, que fosse menos restritiva, menos arbitrária e mais respeitosa dos direitos humanos fundamentais, viabilizava a criação de uma nova "categoria" de imigrantes – os chamados "descartáveis".

Perante a instabilidade da Lei dos estrangeiros, criada há dois anos, o Governo viu-se obrigado a reconhecer a necessidade de se proceder a altera-

ções à legislação actual. Contudo, esta nova legislação, em vez de conceder aos imigrantes o direito de residirem no território onde trabalham, vem atirar com muitos deles para o pântano enganoso do desespero ao atribuir-lhes o acesso a uma mera autorização de permanência em Portugal por um determinado prazo, que não deverá exceder os cinco anos.

Com esta nova legislação, convertidos em "descartáveis", os trabalhadores imigrantes depois de "usados" poderão ser postos, sem apelo nem agravo, fora do país de acolhimento, como simples produtos tipo "use e deite fora".

Fazendo ouvidos moucos às propostas do PCP, do movimento sindical e das associações de imigrantes, o Governo PS deixa patente a sua desorientação, a sua incapacidade, o seu desconhecimento da realidade ou, tão-só e apenas, o fracasso da sua própria política em termos de imigração.

Em Portugal, milhares de trabalhadores estrangeiros vivem situações dramáticas e insustentáveis. São aos milhares os que permanecem em situação ilegal, a ter de viver em condições precárias, a trabalhar em condições de exploração - direi mesmo de escravatura - devido ao oportunismo e à chantagem dos que deles apenas buscam uma mais-valia, sem que lhes reconheçam o mínimo de dignidade humana.

Sendo cidadãos, trabalhadores de corpo inteiro, os imigrantes têm contribuído para o desenvolvimento nacional, e escusado será enumerar as diversas obras monumentais que, com o seu contributo, já foram levadas a cabo.

A solução para o problema da imigração passa pelo direito a melhores condições de trabalho; pelo direito à saúde; pelo acesso ao reagrupamento familiar; pelo direito a residir condignamente no território onde trabalha. Enfim, pela sua legalização a todos os níveis.

Uma coisa, porém, é certa: Portugal continua, no seu mercado de trabalho, a dispor de um largo espaço para a mão-de-obra activa de todos os que queiram trabalhar, incluindo os próprios imigrantes – desde que lhes seja reconhecido o mínimo de condições de dignidade.

# O desafio da Venezuela

**N**a América Latina, governada e empobrecida pelo neoliberalismo, o povo da Venezuela ao referendar o projecto de Hugo Chavez renovou a esperança de quantos acreditam que vale a pena lutar no Continente por um futuro de progresso e liberdade.

A reeleição do Presidente e os resultados das demais eleições simultâneas excederam as previsões mais optimistas. Chavez ultrapassou Arias Cárdenas, o candidato da direita, por mais de 20 pontos; o Movimento V República e os seus aliados conquistaram o governo em 15 dos 23 Estados do país e elegeram 99 dos 165 deputados da Assembleia Nacional.

Um ano e meio após ter assumido a Presidência, Chavez, dirigindo-se ao Povo do balcão do Palácio de Miraflores, informou que a Revolução Bolivariana entrou numa segunda e decisiva etapa, a das grandes transformações económicas e sociais.

Não há uma revolução que repita outra. Distorcem a realidade os políticos e analistas que nos EUA insistem em paralelos descabidos entre o Chile de Allende e a Venezuela de Chavez.

A forçada analogia parte da verificação de uma evidência que ninguém contesta. Em ambos os países um presidente eleito democraticamente apareceu a liderar um projecto de construção do socialismo por via institucional, pacífica.

Obviamente, a ideia de tomar o poder pelas armas em qualquer país da América Latina não é defendida hoje no Continente por qualquer partido ou movimento responsável. A opção estratégica pela via pacífica é uma resultante lógica da nova correlação de forças existente no mundo após a desagregação da URSS.

Em Washington omite-se que Chavez conta com o apoio popular maciço que faltou ao Governo da Unidade Popular, apoio que se expressa a nível institucional por uma esmagadora maioria de deputados e de governadores estaduais. Nas Forças Armadas, contrariamente ao que aconteceu no Chile, a grande maioria do Corpo de Oficiais é formada por homens de confiança do Presidente. Não deixa de ser simbólico que ao saudar a multidão, após a certeza da magnitude da vitória eleitoral, Chavez tenha aparecido com a boina vermelha dos Pára-quedistas que usava quando se rebelou contra o poder corrupto e semicolonial de Caracas.

É um facto que a direita venezuelana recorreu nos últimos meses nas táticas adoptadas no combate a Chavez a métodos usados no Chile pelas forças reaccionárias que se opunham ao Programa da Unidade Popular. Tanto a Accion Democratica, com o Copei – hoje reduzido à condição de micro partido com cinco deputados – e a grande burguesia, sobretudo os maiores empresários, os latifundiários, e banqueiros, com o apoio das transnacionais fizeram tudo para sabotar a economia nacional. Pretendiam levar o país à bancarrota, tornando-o ingovernável.



• Miguel Urbano Rodrigues

A fuga de capitais atingiu proporções alarmantes. Em 99 foram transferidos para o estrangeiro 7800 milhões de dólares; no primeiro semestre do ano corrente as saídas ilegais atingiram quase 5000 milhões. A essa sangria de divisas somou-se a sabotagem da produção industrial e agrícola. O PIB nacional caiu quase 9% em 18 meses; o desemprego chegou a ultrapassar os 14%. Os *mass media*, controlados pela direita, desencadearam uma ininterrupta campanha de calúnias contra Chavez, com ecos imediatos no estrangeiro.

Os efeitos na consciência popular não foram, porém, os produzidos no Chile. Os venezuelanos perceberam o que estava a acontecer. A resposta popular nas eleições foi uma reafirmação de confiança no projecto de Chavez que recebeu agora mais votos do que em 1998.

## O mais difícil está para chegar

O Governo fez o que pôde nos últimos meses para responder à ofensiva na frente económica. Conseguiu conter a queda do PIB, que recomeça a crescer muito lentamente. A taxa de desemprego parou de aumentar.

Mas somente agora, num quadro institucional completamente diferente, Chavez dispõe da maioria que lhe vai permitir dar início ao seu programa. A Constituição Bolivariana, pela qual tanto lutou, é a mais progressista da América do Sul, e oferece-lhe a indispensável base de apoio jurídico-institucional.

Quais são as principais medidas da revolução «pacífica» que o Presidente se comprometeu a levar a uma conclusão vitoriosa?

– Instrução gratuita em todos os níveis para o povo;

– Direito à saúde, também gratuito, assegurado pelo Estado;

– Uma segurança social que funcione, a principiar por reformas e pensões compatíveis com o respeito pela dignidade humana;

– Uma Lei da Terra que ponha fim ao latifúndio e crie condições para o desenvolvimento de uma agricultura moderna, com forte apoio do Estado ao sector cooperativo;

– Criação de condições para um desenvolvimento industrial autónomo que acabe com a dependência económica do petróleo; estímulo à pequena e média indústria e aos pequenos comerciantes;

– Política salarial que responda aos ideais da revolução bolivariana;

– Luta implacável contra a corrupção e a delinquência, dois grandes flagelos nacionais;

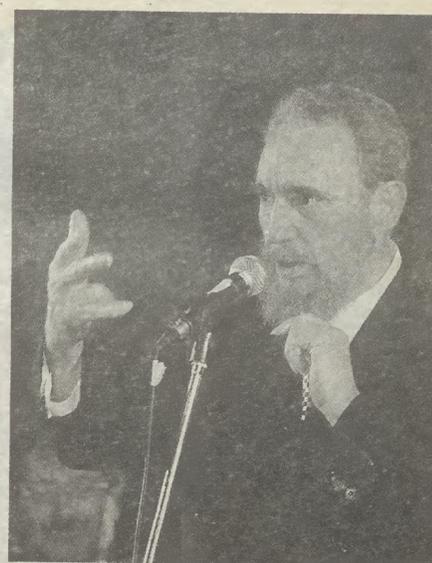
– Política exterior de defesa inflexível da independência e da soberania nacionais.

Não é maximalista o projecto de Chavez. O socialismo é uma meta distante. Mas suficientemente ambicioso para assustar a Casa Branca. No próprio discurso comemorativo da grande vitória alcançada nas urnas (faltam agora as eleições municipais) ele demonstrou estar consciente de que o mais difícil está para chegar.

A história da América Latina ao longo do século prestes a findar recorda-nos que personalidades de esquerda com forte apoio popular têm conquistado o governo (nem sempre pelo voto) em diferentes países, em momentos favoráveis. O que o imperialismo não tem tolerado até agora (com a conhecida excepção de Cuba) é que forças de esquerda consequentes levem à prática programas de conteúdo económico e social revolucionários ou simplesmente progressistas. O Chile não foi o único exemplo da resposta imperial ao desejo de progresso e independência dos povos do Hemisfério. O Peru de Velasco, a Bolívia de Torres, o Brasil do ano 64 demonstram que, através de métodos diferentes, o sistema de poder dos EUA encontrou, pela força ou por outros meios, «soluções» que impediram o desenvolvimento de projectos nacionais considerados incompatíveis com os interesses do grande capital e a sua estratégia de dominação continental.

Na Venezuela surgiu um novo desafio. Conta com a simpatia entusiástica de todas as forças progressistas da América Latina. Nada está decidido. O desenvolvimento da história na pátria de Bolívar depende em primeiro lugar, nos choques decisivos que se aproximam, do povo venezuelano. Para já, a firmeza e a coragem de Hugo Chavez fizeram dele um herói dos jovens.

**M**ais de 200 mil cubanos exigiram o fim do bloqueio, em Pinar del Rio, no grande comício de encerramento das prolongadas comemorações do aniversário do Assalto a Moncada, este ano distribuídas por três Províncias.



# A resposta de Fidel à Convenção Republicana

Fidel Castro atacou duramente os dois candidatos à Presidência dos EUA. Na sua opinião, a campanha eleitoral norte-americana foi até agora a pior dos últimos décadas e os aspirantes à Casa Branca conseguem nivelar-se no baixo nível do debate de ideias, no cinismo, na insipidez do discurso e na agressividade contra Cuba.

Os convidados estrangeiros, concentrados frente à tribuna, na gigantesca Praça da Revolução, ouviram de pé o discurso de Fidel (45 minutos) este ano dirigido fundamentalmente aos EUA.

O cenário, bem tropical, era deslumbrante. Como fundo da tribuna um enorme painel com três palavras: «Continuaremos la Obra». Os membros do corpo diplomático, os representantes de Partidos amigos e os jornalistas estrangeiros, mesmo os veteranos da Ilha, não escondiam a sua sempre renovada surpresa.

O espanto vinha da alegria do povo, sujeito da festa. Porque o comício foi uma festa. Durante duas horas, sob o sol tórrido de Agosto, a multidão aplaudiu com entusiasmo os artistas que iam desfilando pela tribuna. Não eram grandes nomes nacionais da música, da canção, da poesia, do ballet. Eram apenas no respeito pela tradição, os melhores de Pinar del Rio.

É o que não se entende nos EUA. Como pode amar tão intensamente a vida, expressar tanta alegria e disponibilidade para a luta um povo que sofre há mais de quatro décadas os efeitos do mais longo bloqueio da história?

Fidel fez uma análise demolidora da Convenção Republicana, detendo-se especialmente nas ameaças e catilinárias anticubanas que nela foram mais do que frequentes.

Aquela jornada em Pinar del Rio constituía em si mesma uma resposta às calúnias, às agressões, à política de ódio do Estado norte-americano.

Pinar era antes da revolução a mais atrasada e pobre das Províncias da Cuba imperializada. Falta tudo ali em matéria de infra-estruturas e quadros. Hoje, Pinar tem mais escolas, mais médicos, mais economistas, mais professores, mais agrónomos, mais cientistas *per capita* do que a maioria dos países desenvolvidos.

Na última parte da sua intervenção, Fidel regressou a Bush e à engrenagem que controla o Partido Republicano.

Lembrou que 10 presidentes dos EUA mantiveram e reforçaram uma política anticubana que é a expressão de um ódio irracional.

Washington desenvolve hoje relações quase normais com a China, com o Vietname, com a Coreia Popular. Não com Cuba. A chamada Lei de Ajuste, a Lei Torricelli, a Helms-Burton, a chuva de emendas que reforçaram o bloqueio iluminam uma política de cerco a um pequeno país sem precedentes na história da humanidade.

Bush recebeu uma advertência directa que deve levar em conta se for eleito Presidente. Por indiscrições filtradas através de canais norte-americanos chegou a Fidel a informação de que George Bush teria confidenciado à mafia de Miami a sua disposição de resolver rapidamente «o problema cubano».

O significado desse desabafo parece transparente. Foram já tantas as tentativas de assassinar Fidel que qualquer novo projecto do género apenas demonstra incompreensão da história. Fidel foi claro e directo. O seu desaparecimento físico não produziria as consequências desejadas pela escória de Miami e a ultradireita norte-americana. Que percam as esperanças uma e outra. A Revolução Cubana não cede.

Os presidentes que passam pela Casa Branca «não compreendem – essas palavras são de Fidel – que Cuba é inexpugnável, que a sua revolução é indestrutível, que o seu povo não se renderá».

O comício terminou com o clamor da multidão exigindo o fim do bloqueio, acompanhando o apelo de Fidel nesse sentido.

A agressividade anticubana dos presidentes dos EUA e a irracionalidade do bloqueio não ocultam uma evidência. O povo dos EUA distanciou-se dessa política. No próprio Congresso cresce a oposição ao fanatismo anticubano. Em Washington, influentes analistas acreditam que qualquer que seja o sucessor de Clinton, a política cubana será modificada no próximo ano. As pressões económicas são cada vez mais fortes. Admite-se que o ano 2001 ficará a assinalar o regresso dos turistas norte-americanos a Cuba. O acontecimento, a confirmar-se, produziria efeitos económicos e políticos complexos, de difícil avaliação.

## Livros

Bendenxa

25 poemas  
de São Tomé e Príncipe  
para os 25 anos  
de Independência



### Bendenxa

Fica bem assinalar com poesia um acontecimento tão importante como a independência de um país. Como nos fica bem a nós, portugueses, ter escolhido Camões para assinalar o Dia de Portugal e não um qualquer estadista, de antes ou depois de D. Afonso Henriques. Entre as certamente numerosas iniciativas que São Tomé e Príncipe escolheu para comemorar os 25 anos de independência, figura este livrinho de poemas que, segundo a organizadora e prefaciadora do volume, percorre «um quarto de século do país através da poesia!».

**Bendenxa** é palavra crioula de muitos significados. Pode querer dizer conversa, será aqui tomada como caminho. Ou esperança. Ou, como diz **Inocência Mata**: «A ideia aqui refere-se ao advento de um período que ainda não aconteceu: a realização da utopia anunciada há vinte e cinco anos!».

Que possam as palavras destes onze poetas escolhidos ajudar a essa realização. E que este livro, editado pela **Caminho**, contribua para melhor conhecermos a poesia de um país distante.

José Marmelo e Silva

Depoimento



### Depoimento

**José Marmelo e Silva** é um escritor hoje menos conhecido do que provavelmente merece e do que seria de esperar. E este curto livro, de pouco mais de cem páginas, editado pela **Campo das Letras**, vem reavivar a memória de alguns e propor a muitos o conhecimento do autor. Mas, talvez mais do que o texto de Marmelo e Silva, seja a **Nota Introdutória de Maria Manuela Morais e Silva**, que apresenta não apenas o texto mas o escritor, sobre quem escreve: «José Marmelo e Silva é um nome a lembrar na Literatura Portuguesa; o seu dom alquímico faz da palavra o elemento dinâmico e fluido que liberta a ideia, que eterniza paixões, sonhos, amores e ódios numa representação ficcional do complexo estado que é viver, que é ser... no masculino e no feminino...»

# Crónicas da Idade Média

• Ruben de Carvalho

## A Guerra Fria e a Cultura (1)

**G**eorge Orwell, o autor de «1984» agora trazido às primeiras páginas por causa do badalado «big brother», escreveu num dos seus ensaios uma frase frequentemente citada: «a história é escrita pelos vencedores» (1).

Se nos reportarmos ao estudo do período da guerra fria, a asserção contém alguma verdade, mas o pessimismo de Orwell tem, felizmente, algumas relevantes exceções de que fazem nomeadamente parte duas obras vindas a público no final do ano passado e já este ano.

Foi em 1948 que uma das mais interessantes e contraditórias figuras do período rooseveltiano, o grande financeiro Bernard Baruch, cunhou a expressão «guerra fria»: «apesar da guerra ter acabado – disse a 24 de Outubro daquele ano ao senado em Washington – estamos a viver uma guerra que se vai tornando mais quente». A intervenção fazia-se no quadro da discussão de uma questão relevante: o que viria a chamar-se a «doutrina Truman», a saber, a decisão de os EUA intervirem directamente em áreas do mundo onde as forças de esquerda se encontravam à beira de tomar o poder, como era especialmente o caso da Turquia e da Grécia.

O conhecido comentador Walter Lipman – próximo amigo de Baruch, aliás – adoptaria a expressão para um série de artigos e a expressão passou a designar o quadro em que o mundo viveu após a II Guerra Mundial: um constante confronto entre os dois sistemas e em particular entre as duas grandes potências, Estados Unidos e União Soviética, com afloramento de conflitos armados localizados e de características diversas (Coreia, Vietnam, América Latina).

A posse da arma nuclear pelos EUA desde 1945 e da URSS desde 1949 está naturalmente ligada ao carácter assumido pelo conflito: uma confrontação directa e global entre as duas potências teria efeitos devastadores incalculáveis que acabaram a funcionar como um elementos de contenção, sem que contudo atenuassem o expansionismo norte-americano e o apoio soviético muito particularmente ao processo de libertação colonial na África, Ásia e América Latina.

### A Europa

É contudo evidente que o principal foco de tensões foi a própria Europa onde, por um lado, a avançada que derrotara o nazismo trouxera o exército soviético até às margens do Elba, criando uma área de influência que envolvia toda Europa central. Por outro lado, o apel desempenhado pelas forças de esquerda em geral e pelos comunistas em particular na resistência aos ocupantes nazis assumia efectiva expressão de apoio popular e eleitoral, levando os Partidos Comunistas italiano e francês a presenças inteiramente novas na área do poder.

A «doutrina Truman», se por um lado conduziu ao aberto apoio militar – em armamento, dinheiro e técnicos – às forças de direita da Grécia e da Turquia (muitas

vezes recuperando os antigos colaboracionistas do exército alemão) – e a outros envoltimentos das próprias forças armadas americanas (com uma primeira e mais vasta expressão na Coreia), teve como outra e significativa tradução o designado «plano Marshall». Foi em 5 de Junho de 1947 que o então secretário de Estado, general George Marshall, delineou, num discurso pronunciado na universidade de Harvard, as grandes linhas de uma gigantesca operação económica que visava o apoio à reconstrução da abalada economia europeia, impondo uma inevitável dependência em relação aos EUA e um fortalecimento do sistema capitalista que profundamente abalado pelo conflito.

O livro do jornalista francês André Fontaine *Histoire de la Guerre Froide* (2) continua a constituir um clássico da análise do ponto de vista europeu e de esquerda moderada do meio século que medeia entre a Revolução de Outubro e 1967. Para vir até mais ao presente, a consulta de *The Cold War as History*, de Louis Halle, reflectindo embora excessivamente o ponto de vista americano, mantém-se com um muito completo levantamento da evolução do do mundo até ao final do século passado.

A esmagadora maioria destes estudos dão contudo a natural primazia a questões de ordem militar, diplomática e económica, com incursões nas questões da espionagem, actividade a que a situação de conflito não declarado e a importância de segredos científicos e técnicos atribuiu uma importância sem dúvida real, mas que se transformou num dos elementos míticos deste período.

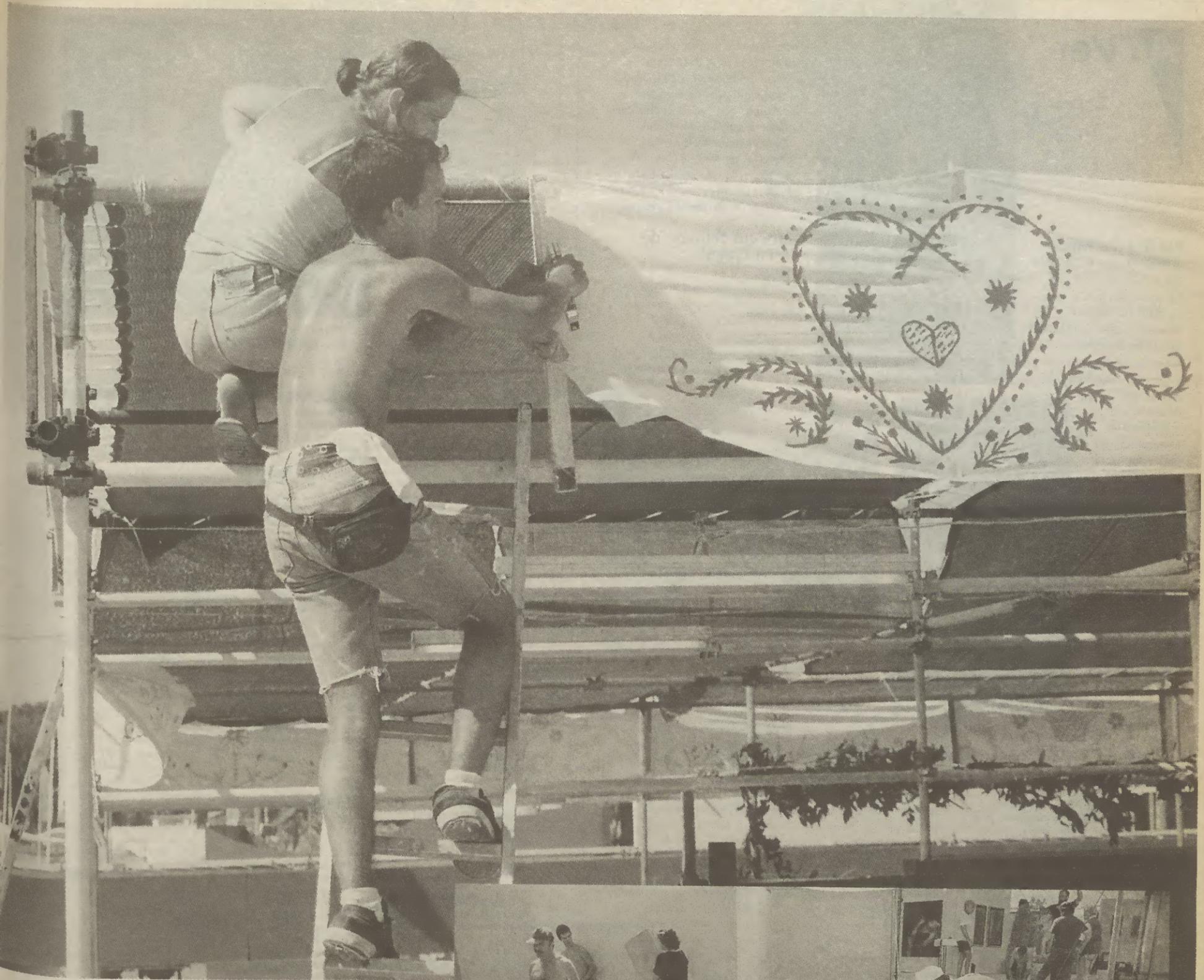
A CIA, o KGB, os «segredos atómicos», a acção subversiva da «comunidade de informações» norte-americana nos quatro cantos do mundo, o seu papel no apoio às mafias corsas de Marselha para desmantelarem os sindicatos franceses de esquerda, a sua intervenção directa na formação do «exército» de Castillo Armas que derrubou o governo legal de Jacob Arbenz na Guatemala, a descarada presença ao lado dos golpistas que afastaram o presidente Mossadegh no Irão, que apoiaram os sangrentos golpes de Pinochet e dos generais brasileiros e argentinos ou as aventuras dos exilados cubanos, dos «contra» nicaraguenses veio até ao conflito no Afeganistão, quando se dizia que na paquistanesa cidade fronteiriça de Peshawar havia mais agentes da CIA que na sua sede em Langley...

(1) in *Collected Essays, Journalism and Letters of George Orwell*. Londres, 1968.

(2) FONTAINE, André. *Histoire de la Guerre Froide*. 2 volumes. Fayard. Paris 1965.



Conclui no próximo número



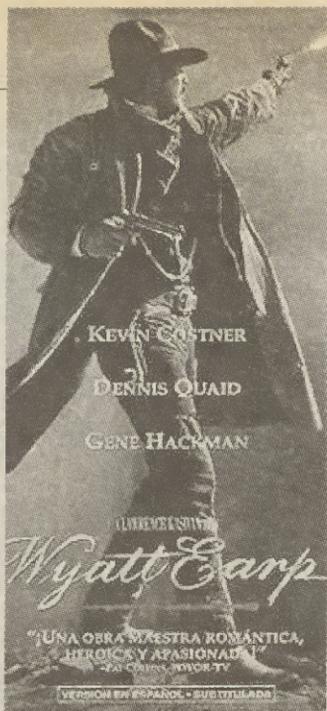
# Jornadas de trabalho

A Festa do «Avante!»  
está aí, mas até à  
inauguração ainda há  
muito trabalho a fazer!  
Na Quinta da Atalaia  
esperam por ti e pela  
tua criatividade.  
Aparece!



## ATVer

Cartaz de  
«Wyatt  
Earp», de  
Lawrence  
Kasdan



### No Dia dos Meus Anos (Quinta, 01.30, RTP 2)

Co-produzido para a série da RTP Os Quatro Elementos, este é o episódio que João Botelho realizou. O tema é «o ar», neste caso a atmosfera

pesada que caracteriza o quotidiano de uma família, em particular de um rapaz de sete anos cujo pai está preso e se interroga sobre a realidade à sua volta. Excelentes interpretações de Vítor Norte e João Lagarto.

### Wyatt Earp

(Domingo, 16.15, RTP 1)  
Retrato biográfico do conhecido foradadelei,

verdadeiro mito do Oeste americano, este «western» de Lawrence Kasdan sofre de uma duração algo longa, em particular pela inclusão de um prólogo que pretende «interpretar» a sua juventude. Mas alguns atributos do filme são inegáveis, protagonizado que está por Kevin Costner, Dennis Quaid ou Gene Hackman e esplendorosamente fotografado por Owen Roizman.

### Toda a Verdade Sobre Cães e Gatos (Domingo, 23.40, SIC)

Como se fosse uma variação feminista



Mais uma vez, o maravilhoso «Cinema Paraíso» no pequeno ecrã

## Cabo e Satélite

### De todo-poderoso a exilado

Se gosta de documentários biográficos, talvez não seja de perder aquele que o canal História - geralmente com filmes de grande qualidade - hoje transmite às 21 horas sobre Napoleão Bonaparte, uma das figuras mais controversas e polémicas da história universal. (História, quinta, das 21 às 22 horas)

### Mulheres de armas

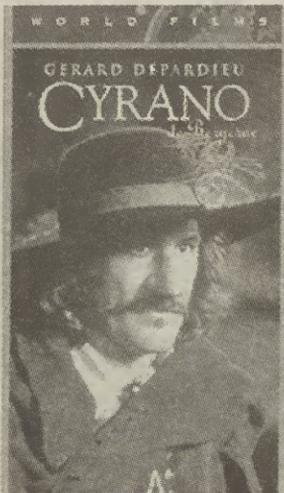
Que a prática musical do jazz atraí cada vez mais, nos dias de hoje, as instrumentistas do sexo feminino - sabido como, há muito, elas dão cartas no jazz cantado - é o que nos deixa ver o documentário que, realizado por Gilles Corre (Fr./1999), foi rodado em Nova Iorque recentemente e no qual dão conta



de Cyrano de Bergerac (curiosamente transmitido esta semana pela RTP 2) esta é a história deliciosa de uma (bastante feia) «psiquiatra» de animais domésticos que decide enviar uma belíssima amiga a um encontro combinado com um cliente, fazendo-se passar por ela... Uma comédia a descobrir, com Uma Thurman e Janeane Garofalo e realização de Michael Lehman.

### Gata em Telhado de Zinco Quente (Terça, 23.00, RTP 2)

Para quem não tem TV Cabo, onde tem passado frequentes vezes, é fundamental (re)ver este psicodrama de Tennessee Williams (excelente e livremente adaptado por Richard Brooks e



A melhor adaptação cinematográfica de «Cyrano de Bergerac»



Paul Newman e Elizabeth Taylor, em «Gata em Telhado de Zinco Quente», de Richard Brooks/Tennessee Williams

James Poe da peça original) que nos conta a história de um poderoso homem do sul às portas da morte, com a sua família de «abutres» rondando-lhe a fortuna. Mas a complexidade paralela das conturbadas relações amorosas entre um dos filhos do velho (Paul Newman) e a sua mulher (Elizabeth Taylor) constitui o verdadeiro centro de atenções de uma obra com memoráveis interpretações do jovem par.

**Cyrano de Bergerac (Quarta, 23.00, RTP 2)**  
Terceira adaptação cinematográfica da peça de Edmond Rostand, este filme de Jean-Paul Rappeneau - no dizer de Jean Tulard, um autêntico bailado de amor dos três principais personagens masculinos em torno da bela Roxane -, pela intensa atmosfera poética que consegue transmitir, pelo constante movimento da câmara ao serviço do texto poético, pela própria originalidade da composição das personagens, é, sem dúvida, a melhor das suas versões cinematográficas.

Inesquecível, a interpretação da figura de Cyrano, por Gérard Depardieu.

### ... e ainda...

**Escândalos do Candidato**, de Mike Nichols (Quinta, 00.35, SIC)  
**Cinema Paraíso**, de Giuseppe Tornatore (Sexta, 23.00, RTP 1)  
**O Homem da Lua**, de Robert Mulligan (Sexta, 24.00, SIC)  
**O Futuro Radioso**, de Atom Egoyan (Sábado, 01.45, RTP 2)  
**Um Realizador de Respeito**, de Alan Smithee (Domingo, 01.20, RTP 1)  
**O Desprezo**, de Jean-Luc Godard (Segunda, 23.00, RTP 2)

### Quinta, 17

#### ▼ RTP 1

07.00 Euronews  
09.30 Quem Manda sou Eu  
10.00 Praça da Alegria / Culinária  
12.20 Concurso: Só Números  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 A Mentira  
15.00 Canções da Nossa Vida  
16.15 Sozinhos em Casa  
16.45 Não é Homem não é Nada  
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos  
18.30 Roseira Brava  
19.20 Ciclismo: G.P.Lisboa  
19.30 Regiões  
20.00 Telejornal  
21.00 Concurso: Só Números  
21.45 Bacalhau com Todos  
22.25 Parque Maior  
00.15 24 Horas  
00.45 «A Promessa» (de Luc e Jean-Pierre Dardenne, Bélg./Fr./Lux./1996, com Jérémie Renier, Olivier Gourmet. *Drama*)

#### ▼ RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30 Os Principais; às 12.30 Euronews; 17.00 Informação Gestual)  
17.30 Matas, Bosques e Brenhas  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Espaço Infantil-Juvenil  
19.55 Andebol: ABC-Sporting  
22.00 Jornal 2  
23.00 A Relíquia  
24.00 «Trabalho Interrompido» (de Jan Bucquoy, Bélg./1998. *Comédia*)  
01.30 «No Dia dos meus Anos» (de João Botelho, Port./1993, com Jessica Weiss, João Lagarto, André Costa. *Ver Destaque*)

#### ▼ SIC

08.00 Buérré  
11.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 Jornalistas  
15.00 Você Decide  
16.00 Rex, O Cão Polícia  
17.00 Malhação  
18.00 O Cravo e a Rosa  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
21.30 Imagens Reais  
22.30 Laços de Família  
00.15 Sai de Baixo  
00.35 «Escândalos do Candidato» (Primary Colors, de Mike Nichols, EUA/1998, com John Travolta, Uma Thurman. *Comédia*)  
04.00 Último Jornal

#### ▼ TVI

09.00 Animação  
12.10 Concurso: Um Por Todos  
13.30 TVI Jornal  
14.30 O Direito de Nascer  
15.45 Batatoon  
19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie  
19.35 Directo XXI  
20.00 Marés Vivas no Havai  
21.00 Entre Marido e Mulher  
21.40 Investigação TVI: Anorexia  
23.10 A Bola é Nossa  
01.15 Seinfeld

#### ▼ SIC

08.00 Buérré  
11.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 Jornalistas  
15.00 Você Decide  
16.00 Rex, O Cão Polícia  
17.00 Malhação  
18.00 O Cravo e a Rosa  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
21.30 Ponto de Encontro  
22.00 Laços de Família  
23.00 Sai de Baixo  
24.00 «O Homem da Lua» (The Man in the Moon, de Robert Mulligan, EUA/1991, com Sam Waterston, Tess Harper. *Melodrama*)  
02.00 Último Jornal

#### ▼ TVI

09.00 Animação  
12.10 Concurso: Um Por Todos  
13.30 TVI Jornal  
14.30 O Direito de Nascer  
15.45 Batatoon  
19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie

19.35 Directo XXI  
20.00 Marés Vivas no Havai  
21.00 Ri-te, Ri-te  
22.00 Reis da Música Nacional  
01.20 Seinfeld  
02.20 «Crime em Família» (de Eric Laneville, EUA/1995, com Kelly Martin, Kevin Dobson. *Drama*)



Apesar de assassinada pela publicidade, «Ficheiros Secretos VII» é uma série que faz a diferença na TVI



O impagável António Silva vai ser biografado num documentário (sábado, RTP 2)

### Sexta, 18

#### ▼ RTP 1

07.00 Euronews  
09.30 Os Melhores Anos  
10.00 Praça da Alegria / Culinária  
12.20 Concurso: Só Números  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 A Mentira  
15.00 Canções da Nossa Vida  
16.15 Sozinhos em Casa  
16.45 Não é Homem não é Nada  
17.30 Querida, Encolhi os Miúdos  
18.30 Roseira Brava  
19.20 Ciclismo: G.P.Lisboa  
19.30 Regiões  
20.00 Telejornal  
21.00 Concurso: Só Números  
21.45 No Limite  
22.15 Companhia do Riso  
23.00 «Cinema Paraíso» (Cinema Paradiso, de Giuseppe Tornatore, It./Fr./1988, com Philippe Noiret, Jacques Perrin, Salvatore Cascio. *Comédia Dramática*)  
01.15 24 Horas  
01.45 «Noite na Cidade» (de Irwin Winkler, EUA/1992, com Robert De Niro, Jessica Lange. *Drama*)

#### ▼ RTP 2

07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30 Os Principais; às 12.30 Euronews; 17.00 Informação Gestual)  
17.30 Mistérios do Egipto  
18.30 Informação Religiosa  
19.00 Espaço Infantil-Juvenil  
20.00 Os Simpsons  
20.30 Cidade Lopea  
21.00 Jornal d'África  
21.30 Dinheiro Vivo  
22.00 Jornal 2  
23.00 A Relíquia  
24.00 «Prazer e Histeria» (de Jan Bucquoy, Bélg./2000, com Jan Bucquoy, Evelyne Letwe. *Comédia*)  
01.30 Departamento de Homicídios

#### ▼ SIC

08.00 Buérré  
11.00 SIC 10 Horas  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 Jornalistas  
15.00 Você Decide  
16.00 Rex, O Cão Polícia  
17.00 Malhação  
18.00 O Cravo e a Rosa  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Malucos do Riso  
21.30 Ponto de Encontro  
22.00 Laços de Família  
23.00 Sai de Baixo  
24.00 «O Homem da Lua» (The Man in the Moon, de Robert Mulligan, EUA/1991, com Sam Waterston, Tess Harper. *Melodrama*)  
02.00 Último Jornal

#### ▼ TVI

09.00 Animação  
12.10 Concurso: Um Por Todos  
13.30 TVI Jornal  
14.30 O Direito de Nascer  
15.45 Batatoon  
19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie

19.35 Directo XXI  
20.00 Marés Vivas no Havai  
21.00 Ri-te, Ri-te  
22.00 Reis da Música Nacional  
01.20 Seinfeld  
02.20 «Crime em Família» (de Eric Laneville, EUA/1995, com Kelly Martin, Kevin Dobson. *Drama*)

### Sábado, 19

#### ▼ RTP 1

07.00 Infantil/Juvenil  
12.00 Jet Set  
13.00 Jornal da Tarde  
14.00 Top +  
15.15 Destinos de Sofia  
16.15 20 000 Léguas Submarinas  
16.45 Aquí Europa  
17.30 Desporto (inclui às 19.00 Futebol: F.C.Porto-Benfica)  
21.00 Telejornal  
22.00 Santa Casa  
23.45 Tourada  
01.15 24 Horas  
01.35 «Anjos e Demónios» (de Greg Spence, EUA/1996, com Christopher Walken, Russell Wong, Eric Roberts. *Thriller*)

#### ▼ RTP 2

07.00 Euronews  
12.00 Iniciativa  
14.00 Desporto  
19.30 Mau Tempo no Canal  
19.00 Tina Turner  
21.00 António Silva - Um Artista Português  
22.00 Jornal 2  
22.45 Magazine 2001  
23.15 Sim, Sr. Ministro  
23.45 Valha-me Deus  
00.15 Gente como Nós  
00.45 Shining  
01.45 «O Futuro Radioso» (The Sweet Hereafter, de Atom Egoyan, Can./1997, com Ian Holm, Peter Donaldson. *Drama*)

#### ▼ SIC

07.30 Zip Zap  
12.00 Muita Lóco  
13.00 Primeiro Jornal  
14.00 Big Show Sic  
18.00 O Cravo e a Rosa  
19.00 Uga Uga  
20.00 Jornal da Noite  
21.00 Mundo VIP  
22.00 O Maior Cabaret do Mundo  
23.30 O Sexo e a Cidade  
00.20 «Força Nuclear» (de Frédéric Forestier, EUA/1997, com Dolph Lundgren, Roy Scheider. *Ação*)  
02.20 Último Jornal

#### ▼ TVI

09.00 Animação  
10.30 O Sótão do Pedro  
11.00 Top Rock  
12.00 Caras Lindas  
13.30 Contra-Ataque  
14.15 4ª. A Fundo  
14.30 «Uma Segunda Família» (de Mel Damsky, EUA/1997, com Lindsay Wagner, Perry King. *Drama*)  
16.30 «Caravana para Este» (de Peter Markle, EUA/1994, com John Candy, Richard Lewis. *Comédia*)  
18.30 Lux  
19.35 Directo XXI  
20.00 «A Cidade Fortaleza» (de Jorge Montesi, EUA/1994, com Kevin Conroy, Brenda Strong. *Ficção Científica*)  
22.00 Jardins Proibidos  
23.10 «Paixão de Ayn Rand» (de Chris Menual, EUA/1999, com Helen Mirren, Julie Delphy. *Drama*)  
01.10 Seinfeld  
02.10 «Baía Negra» (de Carl-Jan Colpaert, EUA/1994, com Ray Wise, Viggo Mortensen. *Comédia*)

**Domingo, 20**

- VRTP 1**  
 07.00 Infantil / Juvenil  
 12.30 3ª. Calluu a Contar do Sol  
 13.00 Jornal da Tarde  
 14.00 Made in Portugal  
 15.15 Animais em Grande Plano  
 16.15 «Wyatt Earp» (de Lawrence Kasdan, EUA/1994, com Kevin Costner, Dennis Quaid, Gene Hackman. Ver Destaque)  
 19.55 Ciclismo: G.P.Lisboa  
 20.00 Telejornal  
 21.05 Os Imparáveis  
 21.30 Domingo Desportivo  
 22.50 «Resgate» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil.  
 01.00 24 Horas  
 01.20 «Um Realizador de Respeito» (An Alan Smithee Film, de Alan Smithee, EUA/1998, com Eric Idle, Ryan O'Neal. Comédia)

- VRTP 2**  
 07.00 Euronews  
 09.00 Programa Religioso  
 10.30 Missa  
 11.30 Sobrevivência (Estreia)  
 12.15 Tesouros Perdidos do Mundo Antigo  
 13.15 Quem Sai aos Seus  
 13.45 Ricos e Famosos  
 15.00 Desporto  
 19.00 Os Últimos Balceiros  
 20.00 Onda Curta  
 20.40 Artes e Letras: «Marylin Horne»  
 21.30 Horizontes da Memória  
 22.00 Jornal 2  
 23.00 Kingdom (Estreia)  
 00.15 Faenas  
 00.45 Artes de Palco: «Coros do Milénio» (espectáculo musical da BBC)

- VSIC**  
 07.30 Zip Zap  
 12.00 BBC Vila Selvagem  
 13.00 Primeiro Jornal  
 14.00 «A Princesinha» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil  
 16.00 Xena, A Princesa Guerreira  
 18.00 «O Professor Chanfrado» (de Tom Shadyac, EUA/1997, com Eddie Murphy, Jada Pinkett. Comédia)  
 20.00 Jornal da Noite  
 21.10 Bom Baão  
 21.40 Residencial Tejo  
 22.45 Sai de Baixo  
 23.40 «Toda a Verdade Sobre Cães e Gatos» (The Truth About Cats and Dogs, de Michael Lehman, EUA/1996, com Uma Thurman, Janeane Garofalo. Ver Destaque)  
 00.40 Último Jornal

- VTVI**  
 09.00 Animação  
 11.00 Espaço Religioso  
 11.10 Missa  
 13.00 Portugal Português: Crato (2)  
 13.45 Caras Lindas

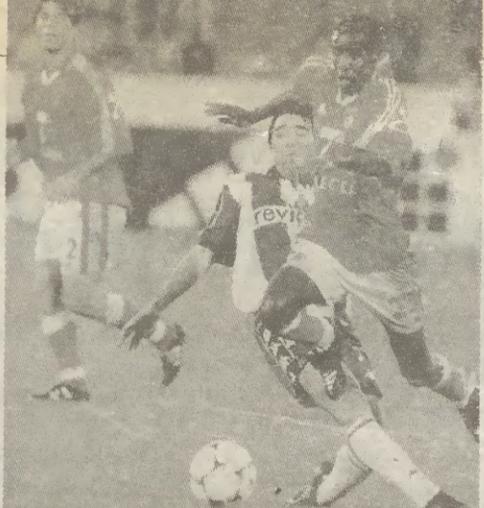


O «Artes e Letras» desta semana é dedicado à mezzo-soprano **Marilyn Horne**

- 15.00 «Verdade Cruel» (de Bobbi Roth, EUA/1998, com Melissa Gilbert, Dorian Healy. Drama)  
 17.00 Cocktail Nacional  
 19.00 Directo XXI  
 20.00 «Os Inspectores» (de Brad Turner, EUA/1998, com Louis Gossett Jr., Jonathan Silverman. Drama)  
 22.00 Jardins Proibidos  
 23.10 «Murder at 75 Birch» (de Michael Scott, EUA/1999, com Melissa Gilbert, Gregory Harrison. Policial)  
 01.10 Seinfeld

- 15.00 Jornalistas  
 16.00 Walker, O Ranger do Texas  
 17.00 Malhação  
 18.00 O Cravo e a Rosa  
 19.00 Uga Uga  
 20.00 Jornal da Noite  
 21.00 Laços de Família  
 22.30 Roda dos Milhões  
 00.40 Sai de Baixo  
 01.20 Último Jornal  
 02.05 «Redenções» (de Michael Apted, EUA/1998, com Laurence Fishburne, Bill Cobbs. Drama)

- VTVI**  
 09.00 Animação  
 12.25 Concurso: Um Por Todos (último episódio)  
 13.30 TVI Jornal  
 14.30 O Direito de Nascer  
 15.45 Batatoon  
 19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie  
 19.35 Directo XXI  
 20.00 Marés Vivas no Havai  
 21.00 Olho Vídeo  
 22.00 Crianças S.O.S  
 23.10 Ficheiros Secretos VII  
 00.10 Causa Justa  
 01.15 Seinfeld



Com **Domingo Desportivo** (e outros congéneres) regressa a discussão sobre desporto (leia-se futebol) às televisões

**Segunda, 21**

- VRTP 1**  
 07.00 Euronews  
 09.30 Os Melhores Anos  
 10.00 Praça da Alegria / Culinária  
 12.20 Concurso: Só Números  
 13.00 Jornal da Tarde  
 14.00 A Mentira  
 15.00 Canções da Nossa Vida  
 16.15 Sozinhos em Casa  
 16.45 Não é Homem não é Nada  
 17.30 Querida, Encolli os Miúdos  
 18.30 Roseira Brava  
 19.30 Regiões  
 20.00 Telejornal  
 21.00 Concurso: Só Números  
 21.45 Serviço de Urgência  
 22.45 «Biodome - Malucos» (de Jason Bloom, EUA/1996, com William Atherton, Pauly Shore. Comédia)  
 00.40 24 Horas  
 01.10 «Os Assassinos» - nenhuma informação suplementar fornecida em tempo útil

- VRTP 2**  
 07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30 Os Principais; às 12.30 Euronews; 17.00 Informação Gestual)  
 17.30 Austrália Selvagem  
 18.30 Informação Religiosa  
 19.00 Espaço Infantil-Juvenil  
 20.00 Simpsons  
 20.25 Cidade Louca  
 21.00 Rotações  
 21.30 Bombordo  
 22.00 Jornal 2  
 23.00 «O Desprezo» (Le Mépris, de Jean-Luc Godard, Gr./It./1963, com Brigitte Bardot, Michel Piccoli, Jack Palance. Drama)  
 01.00 Trinity

- VSIC**  
 08.00 Buêréré  
 11.00 SIC 10 Horas  
 13.00 Primeiro Jornal  
 14.00 O Juiz Decide (Reposição)

**Terça, 22**

- VRTP 1**  
 07.00 Euronews  
 09.30 Os Melhores Anos  
 10.00 Praça da Alegria / Culinária  
 12.20 Concurso: Só Números  
 13.00 Jornal da Tarde  
 14.00 A Mentira  
 15.00 Canções da Nossa Vida  
 16.15 Sozinhos em Casa  
 16.45 Não é Homem Não é Nada  
 17.30 Querida, Encolli os Miúdos  
 18.30 Roseira Brava  
 19.30 Regiões  
 20.00 Telejornal  
 21.00 Concurso: Só Números  
 21.45 Mãos à Obra  
 22.20 Sabadabadu  
 23.30 24 Horas  
 24.00 Os Hughleys  
 01.00 «O Salvador do Mundo» (de Greg Beeman, EUA/1992, com Teri Garr, Jeffrey Jones. Comédia Fantástica)

- VRTP 2**  
 07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 10.00 Missa; 11.00 Os Principais; às 12.30 Euronews; às 17.00 Informação Gestual)  
 17.30 Matas, Bosques e Brenhas  
 18.30 Informação Religiosa  
 19.00 Espaço Infantil-Juvenil  
 20.00 Simpsons  
 20.30 Cidade Louca  
 21.00 O Lugar da História  
 22.00 Jornal 2  
 23.00 «Gata em Telhado de Zinco Quente» (Cat on a Hot Tin Roof, de Richard Brooks, EUA/1958, com Elizabeth Taylor, Paul Newman, Burl Ives. Ver Destaque)  
 00.55 A Queda das Dinastias

- VSIC**  
 08.00 Buêréré  
 11.00 SIC 10 Horas  
 13.00 Primeiro Jornal  
 14.00 O Juiz Decide  
 15.00 Jornalistas  
 16.00 Walker, O Ranger do Texas  
 17.00 Malhação  
 18.00 O Cravo e a Rosa  
 19.00 Uga Uga  
 20.00 Jornal da Noite  
 20.50 Médico de Família  
 22.15 Laços de Família  
 23.45 Sai de Baixo  
 00.30 «Paixão e Loucura» (Waterland, de Stephen Gyllenhaal, Gr.Br./1992, com Jeremy Irons, Sinéad Cusack. Drama)  
 02.30 Último Jornal  
 03.05 Toda a Verdade: As Nossas Crianças

- VTVI**  
 09.00 Animação  
 12.40 Os Animais Também São Gente  
 13.30 TVI Jornal  
 14.30 O Direito de Nascer  
 15.45 Batatoon  
 19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie  
 19.35 Directo XXI  
 20.00 Marés Vivas no Havai  
 21.00 O ABC da Morte (mini-série)  
 01.05 Seinfeld



**Bob Carlisle** é um dos cantores do espectáculo «Coros do Milénio», produção da BBC (Domingo, RTP 2)

**Quarta, 23**

- VRTP 1**  
 07.00 Euronews  
 09.30 Os Melhores Anos  
 10.00 Praça da Alegria / Culinária  
 12.20 Concurso: Só Números  
 13.00 Jornal da Tarde  
 14.00 A Mentira  
 15.00 Canções da Nossa Vida  
 16.15 Sozinhos em Casa  
 16.45 Não é Homem não é Nada  
 17.30 Querida, Encolli os Miúdos  
 18.30 Roseira Brava  
 19.30 Regiões  
 20.00 Telejornal  
 21.00 Futebol: F.C.Porto-Anderlecht  
 23.00 Concurso: Só Números  
 23.45 Estrelas do Mar  
 01.10 24 Horas  
 01.30 «O Desconhecido de Estrasburgo» (de Valeria Sarmiento, Fr./1998, com Charles Berling, Ornella Muti. Policial)

- VRTP 2**  
 07.30 Espaço Infantil-Juvenil (às 11.30 Os Principais; às 12.30 Euronews; às 17.00 Informação Gestual)  
 17.30 Grandes Mistérios e Mitos do Séc. XX  
 18.30 Informação Religiosa  
 19.00 Desporto: DTM - Campeonato Alemão de Turismo  
 20.00 Simpsons  
 20.25 Cidade Louca  
 21.00 Sinais do Tempo  
 22.00 Jornal 2  
 23.00 «Cyrano de Bergerac» (de Jean-Paul Rappeneau, Fr./1990, com Gérard Dépardieu, Jacques Weber, Anne Brochet. Ver Destaque)  
 01.30 Nós e o Nosso Corpo

- VSIC**  
 08.00 Buêréré  
 11.00 SIC 10 Horas  
 13.00 Primeiro Jornal  
 14.00 O Juiz Decide  
 15.00 Jornalistas  
 16.00 Walker, O Ranger do Texas  
 17.00 Malhação  
 18.00 O Cravo e a Rosa  
 19.00 Uga Uga  
 20.00 Jornal da Noite  
 21.00 Os Predadores  
 22.00 O Bom Baão  
 22.30 Laços de Família  
 24.00 Sai de Baixo  
 00.40 «Halloween H20 - O Regresso» (de Steve Miner, EUA/1998, com Jamie Lee Curtis, Adam Arkin. Terror)  
 02.40 Último Jornal

- VTVI**  
 09.00 Animação  
 12.40 Os Animais Também São Gente  
 13.30 TVI Jornal  
 14.30 O Direito de Nascer  
 15.45 Batatoon  
 19.00 Um Cãozinho Chamado Eddie  
 19.35 Directo XXI  
 20.00 Marés Vivas no Havai  
 21.00 Ri-te, Ri-te  
 23.00 «O Vale da Intriga» (de John Hertzfeld, EUA/1996, com Danny Aiello, Greg Cruttwell. Drama)  
 01.05 Seinfeld

*Nota:*  
 A Redacção não se responsabiliza por alterações de horários ou conteúdos da programação realizados pelos operadores de televisão após o fecho desta edição

**TVisto**  
 Correia da Fonseca

**Temores**

**É** natural e legítimo que a TVI tenha desencadeado uma intensa operação promocional da sua versão do «Big Brother». Suspeito, aliás, de que bem precisa, porque o seu Big Brotherzinho, sobre o qual deposita as maiores expectativas, bem pode revelar-se uma longa chateza após os dias iniciais em que o trunfo será a curiosidade. É claro que lhe está sempre aberta a possibilidade de viciar um pouquinho o jogo encomendado, ou simplesmente sugerindo aos concorrentes, algumas cenas muito espontâneas que possam estimular a audiência. Dado, porém, o perfil ético da TVI e até os seus antecedentes de canal religiosamente inspirado, é de crer que não cometa essa feia acção. Isto é, que não caia nesse pecado. E, porque a virtude nem sempre tem recompensa, o «Big Brother» ameaça desde já resvalar para o enfado. Entenda-se: isto sou eu a tentar fazer previsões, o que de resto muito se coaduna com este tempo em que estão muito na moda adivinhações e adivinhadores de vários géneros, não é uma opinião sobre aquilo que ainda não vi. Contudo, com tantos dados acerca do programa que a TVI tem facultado mais o que se sabe acerca do que foi o «Big Brother» nos lugares por onde já passou, é natural que já aqui e ali tenham surgido reacções quanto à sua transmissão entre nós, e algumas delas claramente em tom de

a desde já atacar o programa, como Dona Teresa disse, antes me pareceu que foram mais outras vozes.

**A manipulação permanente**

Porém, é mais do que justo dizer que não foi só Teresa Guilherme a fazer contra a crítica uma espécie de «guerra preventiva» à maneira do em tempo preconizado por John Foster Dulles, não sei se alguém se lembra: outros na TVI fizeram o mesmo. E houve mesmo quem viesse assegurar que «este é o programa que a crítica temia». Este exagero, para não lhe chamar completa aldrabice, é que me levou a fazer o que não queria e a vir aqui referir-me ao «Big Brother», ou melhor, à sua promoção, eu, que estou decidido a não ligar ao programa mais que a atenção e as palavras que ele irá merecer, quer dizer, provavelmente muito poucas. É que não é nada verdade que a crítica tenha passado a vida, ou sequer apenas os últimos tempos, a ter medo do advento de «Big Brother» na versão portuguesa ou outra: o que a promoção quer é pôr-se nos bicos dos pés e fazer-se importante. O que a crítica de televisão, ou pelo menos a sua generalidade, porventura teme foi que a TV enveredasse, aqui e no mundo, pelos caminhos da traição ao público que devia servir, às suas necessidades e aos seus interesses, para dar na droga em que deu para proveito e segurança de apenas alguns ou, dizendo com mais rigor, de um grupo de topo nas classes dominantes. Porém, essa viragem está feita há muito e, em consequência dela, os «Big Brother» e outras maravilhas tornaram-se inevitáveis. Convém dizer, contudo, mais alguma coisa acerca dos temores reais ou supostos da crítica de televisão: agora, porém, é preciso salientar que falo não por toda ou quase toda a crítica mas sim pelas vozes que me estão mais próximas. A questão é que o que a esta crítica sempre pareceu mais temível foi a permanente e sistemática falsificação das realidades, a ininterrupta estratégia da manipulação e da mentira, a que hoje praticamente todas as estações se entregam, por acção ou omissão, sob a batuta norte-americana. Aí se



rejeição. É fácil de perceber que tenha sido assim, mas também percebo lindamente que a Dona Teresa Guilherme, que vai apresentar o «Big» em troca de «cachets» que me fazem lembrar o ordenado do Figo a julgar pelo que ela própria divulgou, não perceba. De qualquer modo, a excelente senhora já deu um ar da sua graça na pré-apresentação e desembestou contra a crítica, tique que nela já vem de longe. Parece que a crítica tem dificuldade em reconhecer-lhe todos os méritos. No caso do «Big Brother», porém, não me dei conta de que tenha sido toda a crítica regular

alojam todos os vírus, daí decorrem todas as infecções, e essa prática não é de hoje nem de ontem, pelo que a afirmação feita a propósito do «Big Brother» é tão absurda que chega a ser ridícula. Na verdade, por muito que o anunciado programa da TVI se revele tão chocante quanto ameaça ser, do que aliás duvido, não trará nenhuma novidade aos olhos dos telespectadores: nudez e sexo há muito se tornou rotina a qualquer hora nos televisores, e nem me parece que sejam o mais escandaloso e indignante de entre tudo o que a TV nos traz. Neste sentido, o «Big Brother» até pode funcionar como manobra de despiste do essencial. Veremos.

## A talhe de foice

• Anabela Fino

# Mãos sujas

A questão da delinquência juvenil está na ordem do dia. Pouco importa agora questionar, embora não seja displicente, se tal sucede porque o agravamento da situação o justifica, ou se o inusitado interesse sobre a matéria se deve à tradicional carência de notícias nesta época do ano. Seja como for, o problema justifica sem dúvida toda a atenção, que porventura só peca por ser tardia. Trancar a porta depois da casa arrombada pode ser uma reacção muito natural, mas remediar é sempre muito menos eficaz do que prevenir. Tudo começou, se assim se pode dizer, com uma série de assaltos subitamente mediatizados pelo facto de uma das vítimas ser uma conhecida actriz nacional. O caso ganhou honras de primeira página, a criminalidade deixou de ser um problema dos subúrbios. Cavalgando a onda mediática, o ministro Fernando Gomes fez o auto-retrato da incompetência governativa, PSD e PP arvoraram-se em defensores da lei e da ordem, comentadores dos mais diversos quadrantes agitaram o espantinho da insegurança. Estava criado o clima da «caça ao homem», da intolerância, do radicalismo, do racismo. É neste contexto que hoje se trava o debate sobre o que fazer quanto à delinquência juvenil: sem serenidade e, sobretudo, sem seriedade. Políticos com responsabilidade na condução do país nos últimos 25 anos exigem à justiça «mão pesada», defendem a redução da idade para a responsabilização criminal, advogam a repressão como resposta aos problemas sociais. É fácil, muito fácil, cair na tentação destas medidas.

Quem tenha sofrido, directa ou indirectamente, as consequências da criminalidade, sabe da revolta, da raiva, da impotência, do medo, da humilhação, do desejo de vingança que se sente perante a devassa da privacidade, o esbulho da propriedade, a vandalização do que se preza, a ameaça à própria integridade física. Que importância tem que o causador de tudo isto seja adulto ou jovem? Masculino ou feminino? Branco ou negro? Nacional ou estrangeiro? Em termos práticos, nenhuma. E no entanto a verdade é que se sente a diferença, como se o crime fosse qualitativamente diferente quanto maiores são as diferenças entre vítima e criminoso. A vontade de punição parece crescer exponencialmente em função da diferença. Pedir à vítima a serenidade e distanciação necessárias para analisar as causas que estão na raiz do crime seria insensato e porventura inútil, mas o mesmo não se pode dizer em relação a quem desempenha ou pretende desempenhar um papel de relevo - e de responsabilidade - na vida política nacional. O discurso populista e demagógico pode captar simpatias para uma causa, mas não é a popularidade que determina a justeza das causas. A escravatura, a pena de morte, a guerra... já foram populares. Tornaram-se justas por isso? Apostar na repressão para combater a criminalidade sem cuidar de saber o que leva jovens a enveredar pelo crime, ignorando as causas económicas e sociais que lhe estão na origem, é tão inútil como tapar o sol com a peneira. Onde estão os programas de reinserção social, as condições de vida condigna, a justiça social, a igualdade de oportunidades, o equilíbrio familiar? Onde está a defesa de valores que vale a pena respeitar? Na «solidariedade» de Ferreira do Amaral com as famílias que não podem passar férias em hotéis de luxo? Nos passeios de Paulo Portas a feiras e mercados? Nas reformas de miséria? Nos negócios espúrios do Governo com o grande capital? Em todas as prescrições dos crimes de colarinho branco?

Perguntas não faltam, o que escasseia é as respostas. O fenómeno não é exclusivo de Portugal, o que só é motivo para maior preocupação. Sem questionar esta sociedade que se está a construir, não haverá resposta que valha a pena. Tudo se resumirá a mais uma operação de cosmética, a um lavar de mãos de responsabilidades, a mais um passo para a sociedade de exclusão. Até à próxima crise.

## Arco Têxteis recebeu revolta solidária

# Férias para despedir

No primeiro dia em que a empresa de Santo Tirso encerrou para férias, 25 trabalhadores «incómodos» receberam cartas de despedimento.

A Arco Têxteis quis, assim, evitar que a sua decisão tivesse como resposta a revolta colectiva dos restantes trabalhadores, que no dia 17 de Março realizaram uma das maiores greves de sempre, reclamando salários de 69 200 escudos.

A acusação foi feita pelo Sindicato dos Têxteis do Porto, que recorda as suspensões e processos, logo a seguir à greve, e explica assim o motivo por que passaram 5 meses desde

as medidas disciplinares (tomadas a partir de fotografias e filmes feitos durante a greve e concentração de centenas de trabalhadores à porta da empresa) até ao despedimento.

### As ilegalidades foram denunciadas em Maio ao Presidente da República

A Arco Têxteis - salienta o sindicato, no ofício que enviou ao primeiro-ministro, ao ministro do Trabalho e aos grupos parlamentares da Assembleia da República - tem usufruído de milhões de contos de apoios oficiais, possui tecno-

logia de ponta, factura 6 milhões de contos por ano e está entre os primeiros fabricantes de tecidos europeus. No entanto, a maioria dos trabalhadores auferem vencimentos muito baixos (na ordem dos 67 700 escudos, segundo o sindicato).

Com este procedimento, a administração da Arco Têxteis pretende «aniquilar a liberdade sindical», «neutralizar os trabalhadores que mais se destacam» na luta por melhores salários e «terrorizar todos os outros», acusa o sindicato, apelando a governantes e deputados para que «analisem seriamente» a impunidade patronal nas empresas têxteis e tomem «as medidas necessárias».

### Tipografia Lugo

«Se as empresas servem para enriquecer os empresários, também os empresários devem responder pelas dívidas das empresas», exige o Sindicato das Indústrias de Celulose, Papel, Gráfica e Imprensa, numa nota em que alerta para o facto de 45 trabalhadores da Tipografia Lugo correrem sério risco de não receber os salários de Agosto e perder o emprego, na sequência de uma execução fiscal promovida pela Repartição de Finanças da Amadora (Reboleira).

A empresa acumulou, desde 1991, cerca de 150 mil contos de dívidas ao fisco e à Segurança Social, mas «alguém fez proveito do dinheiro», em prejuízo do Estado e dos trabalhadores. Entretanto, máquinas da Lugo terão mudado para outra empresa, em cuja gerência há familiares de um responsável da tipografia da Amadora, alerta o sindicato.

A Comissão Concelhia da Amadora do PCP solidarizou-se com os trabalhadores da Lugo e exigiu do Governo fiscalização e actuação eficaz contra as empresas não cumpridoras, bem como uma política que combata a «degradação social e económica».



Os comunistas de Viana do Castelo lançaram uma campanha para reconstruir as instalações. As contribuições podem ser depositadas no BNU - conta 210/313775

## Incêndio no CT de Viana do Castelo

Um incêndio, com origem presumível num curto-circuito, destruiu parcialmente, na madrugada de sábado, a sede da Direcção da Organização Regional de Viana do Castelo do PCP, provocando elevados prejuízos no prédio e danificando todo o material electrónico ali existente.

Os Bombeiros Municipais e Voluntários de Viana do Castelo, apoiados por 13 viaturas, só conseguiram extinguir o incêndio cerca de hora e meia depois do alerta, por se tratar de um edifício antigo e de

mais fácil propagação das chamas.

Branca de Carvalho, membro do Comité Central e da DORVIC do PCP, disse à Agência Lusa que, visto o seguro de casa e recheio não cobrir «nem pouco mais ou menos» os prejuízos verificados, o Partido iria lançar uma campanha de solidariedade para reconstruir o edifício. No mesmo dia, muitos militantes e amigos do Partido manifestaram a sua solidariedade a esta organização regional, prometendo contribuir para a

campanha de reconstrução. Visivelmente emocionada, Branca de Carvalho referiu o significado daquele edifício para os comunistas vianenses, que ali têm o centro de trabalho há 14 anos, considerando «muito doloroso» ver naquele estado uma casa comprada a «muito custo» e que «tem sido o nosso segundo lar».

Entretanto, na segunda-feira, a DORVIC conseguiu abrir uma sede provisória, na mesma rua do Centro de Trabalho, «para que a actividade do Partido não pare».

## Guardas florestais em greve

O dia de abertura da época de caça ficou assinalado por mais uma greve dos guardas florestais, que exigem do Governo a imediata aprovação do diploma legal de actualização do suplemento de risco e a alteração da tutela do Corpo Nacional da Guarda Florestal.

Com esta paralisação, refere uma nota da Federação Nacional de Sindicatos da Função Pública, ficaram prejudicadas «todas as acções

de fiscalização da actividade de caça», cuja época abriu a 15 de Agosto, e também «as normais funções de vigilância florestal e de investigação das causas dos fogos florestais».

A presente fase da luta dos cerca de 700 guardas florestais, recorda a FNSFP/CGTP, iniciou-se com outra greve de 24 horas, no passado dia 3 de Outubro. A 10 de Fevereiro e a 13 de Abril tiveram lugar

manifestações em Lisboa, junto à residência oficial de António Guterres e frente à sede do Conselho de Ministros.

A federação acusa o Governo de «apostar na conflitualidade, com claro prejuízo para o nosso património florestal e cinegético, em detrimento da satisfação das reivindicações dos guardas florestais, que, do ponto de vista orçamental, têm uma expressão reduzida».

## Menores no tomate

A existência de «trabalho de menores» na apanha de tomate, no distrito de Beja e na zona de Mora (Évora), foi denunciada pelo Secretariado Inter-Regional do Alentejo da CGTP, que continua a averiguar o problema.

A estrutura inter-regional, que reúne as uniões de sindicatos dos distritos de Beja, Évora e Portalegre, afirma que o trabalho dos menores é mais mal pago que o dos trabalhadores adultos. Os sindicalistas já solicitaram a intervenção da Inspeção do Trabalho (IDICT).

A CGTP revelou ainda que foram alcançados alguns objectivos da actividade sindical nos campos da Extremadura espanhola, no que toca ao apoio aos trabalhadores portugueses que se encontram na apanha do tomate, e garantiu ter ali constatado «a total erradicação do trabalho de menores». Ainda segundo a Lusa, o Secretariado manifestou a preocupação de que a Lei de Imigração traga «novas e mais gravosas formas de exploração».



5 603199 000445